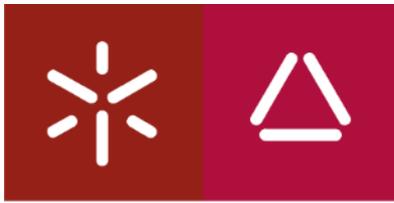




Universidade do Minho
Instituto de Ciências Sociais

Tânia Filipa Miranda Salgado

**Violência no namoro: estudo com
adolescentes do ensino secundário de
Guimarães**



Universidade do Minho

Instituto de Ciências Sociais

Tânia Filipa Miranda Salgado

**Violência no namoro: estudo com
adolescentes do ensino secundário de
Guimarães**

Dissertação de Mestrado
Crime, Diferença e Desigualdade

Trabalho efetuado sob a orientação da
**Professora Doutora Manuela Ivone Paredes Pereira
Cunha**

Direitos de autor e condições de utilização do trabalho por terceiros

Este é um trabalho académico que pode ser utilizado por terceiros desde que respeitadas as regras e boas práticas internacionalmente aceites, no que concerne aos direitos de autor e direitos conexos.

Assim, o presente trabalho pode ser utilizado nos termos previstos na licença abaixo indicada.

Caso o utilizador necessite de permissão para poder fazer um uso do trabalho em condições não previstas no licenciamento indicado, deverá contactar o autor, através do RepositóriUM da Universidade do Minho.

Licença concedida aos utilizadores deste trabalho



Atribuição CC BY

<https://creativecommons.org/licenses/by/4.0/>

Agradecimentos

Na elaboração desta investigação, várias pessoas contribuíram para o seu desenvolvimento, sem as quais a sua concretização não teria sido possível. A todos/as queria expressar o meu grato reconhecimento.

Um agradecimento especial à Professora Manuela Ivone Paredes Cunha pela orientação, pela transmissão de conhecimentos, disponibilidade e críticas construtivas para a presente investigação.

À ADDHG – Associação de Defesa dos Direitos Humanos de Guimarães pela realização desta investigação. Às escolas e aos participantes, que tiveram a gentileza de se disponibilizar para participar de forma voluntária neste estudo. Sem a sua colaboração esta investigação não poderia ter sido realizada.

À Barbara e à Joana pela ajuda com o questionário. À Carolina pela ajuda com o tratamento dos dados.

Aos meus pais, por estarem sempre ao meu lado em todos os momentos da minha vida.

Aos meus filhos por entenderem os meus sonhos e por me apoiarem em todas as minhas etapas.

Ao Marçal, meu companheiro de vida, foi a minha âncora ao longo de todo este percurso. Obrigada por caminhares ao meu lado e por seres a minha força.

Ao Luffy e à Teka por me fazerem sorrir.

Ao meu querido avô António e às minhas queridas avós Maria e Rita, sei que mesmo não estando presentes continuam a iluminar a vida dos que amam.

Declaração de integridade

Declaro ter atuado com integridade na elaboração do presente trabalho académico e confirmo que não recorri à prática de plágio nem a qualquer forma de utilização indevida ou falsificação de informações ou resultados em nenhuma das etapas conducente à sua elaboração.

Mais declaro que conheço e que respeitei o Código de Conduta Ética da Universidade do Minho.

Violência no namoro: estudo com adolescentes do ensino secundário de Guimarães

Resumo

A violência doméstica, assim como a violência no namoro, é um problema com impacto na sociedade, tendo tido uma grande visibilidade a nível social e científico. Este fenómeno psicossocial é transversal a todas as classes sociais, culturas e géneros.

Reconhecendo-se a importância da escola na socialização dos jovens e sendo esta, simultaneamente, um contexto privilegiado para o aparecimento e sinalização de comportamentos violentos, o presente projeto apresenta uma proposta de investigação no domínio da violência nas relações de intimidade juvenis, procurando analisar as crenças e as práticas da violência no namoro a partir da ótica dos/as estudantes que frequentam o ensino Secundário no Concelho de Guimarães. Para a realização da investigação empírica foi aplicado um questionário estruturado com questões fechadas a 216 adolescentes, de ambos os sexos, de escolas secundárias do concelho de Guimarães.

A análise dos resultados foi dividida em 2 componentes, os comportamentos realizados pelo próprio sujeito, abusivos ou não abusivos, foram organizados numa componente designada “Comportamentos do Próprio” e os comportamentos do(a) parceiro(a), abusivos ou não abusivos, estes foram organizados na componente designada “Comportamentos do Outro”.

Os resultados mostram que de uma forma geral, os respondentes apresentam comportamentos positivos em momentos de discussão com o parceiro e não recorrem a métodos agressivos ou em forma de ameaça. Além disso, é relevante referir que cerca de 66% não culpam o parceiro do problema. No caso de existir a necessidade de reportar alguma situação de violência doméstica, 66% dos respondentes sabem onde se podem dirigir e com quem contactar. Na componente “Comportamentos Abusivos do Outro”, os resultados indicam que, de uma forma geral, os/as parceiros/as dos respondentes apresentam comportamentos positivos em momentos de discussão com o parceiro e não recorrem a métodos agressivos.

Palavras-Chave: Adolescentes; Legitimação da Violência; Relações de Intimidade Juvenil; Violência no Namoro.

Dating violence: study with secondary school teenagers in Guimarães

Abstract

Domestic violence, like dating violence, is a problem with an impact on society, having had great visibility at a social and scientific level. This psychosocial phenomenon is transversal to all social classes, cultures and genders.

Recognizing the importance of the school in the socialization of young people and being, at the same time, a privileged context for the emergence and signaling of violent behavior, this project presents a research proposal in the field of violence in juvenile intimate relationships, seeking to analyze the beliefs and practices of dating violence from the perspective of students who attend secondary education in the Municipality of Guimarães. In order to carry out the empirical investigation, a structured questionnaire with closed questions was applied to 216 adolescents, of both sexes, from secondary schools in the municipality of Guimarães.

The analysis of the results was divided into 2 components, the behaviors performed by the subject, abusive or non-abusive, were organized in a component called "Behavior of the Self" and the partner's behaviors, abusive or non-abusive, these were organized in the component called "Other Behaviors".

The results show that, in general, the respondents present positive behaviors in moments of discussion with the partner and do not resort to aggressive or threatening methods. In addition, it is relevant to mention that about 66% do not blame the partner for the problem. If there is a need to report a situation of domestic violence, 66% of respondents know where to go and who to contact. In the component "Abusive Behaviors of the Other", the results show that, in general, the partners of the respondents show positive behaviors in moments of discussion with the partner and do not resort to aggressive methods.

Keywords: Adolescents; Dating Violence; Legitimation of Violence; Youth Intimacy.

Índice

Introdução	9
1. A Adolescência.....	13
1.1. O Namoro enquanto relação de intimidade: do romântico ao violento.....	14
1.2. Conceito de violência no namoro	17
2. Violência nas relações de intimidade: do conceito à investigação do fenómeno.....	19
2.1. Enquadramento legal da violência na intimidade.....	19
2.2 Tipologias de violência.....	21
2.3 Abordagens explicativas do fenómeno da violência.....	22
2.4 Ciclo da violência	24
2.5 O conceito de delinquência juvenil.....	25
2.6 Violência no namoro e a delinquência juvenil	26
2.7 Fatores de risco associados à vitimação e à perpetuação.....	28
2.7.1 Fatores Protetores.....	31
3. Crenças e atitudes associadas à Violência no Namoro	33
4. Consequências biopsicossociais da Violência no namoro	37
4.1. A Violência no namoro e a influência dos pares, pais e normas sociais.....	38
5. A importância dos projetos de prevenção.....	42
5.1. O Papel das organizações do terceiro setor na prevenção da violência no namoro..	45
6. Metodologia	48
6.1. Objetivos.....	48
6.2. Tipo de estudo	48
6.3. Instrumentos.....	49
7. Análise e discussão de resultados	50
7.1. Participantes.....	50
7.2. Análise dos comportamentos.....	52
7.2.1. Análise dos comportamentos do respondente.....	54
7.2.2. Análise dos comportamentos do outro.....	55
Conclusão.....	59
Referências bibliografias.....	63
Anexos.....	72
Anexo I. Pedido de Colaboração às Escolas.....	72

Anexo II. Consentimento Informado	73
Anexo III. Consentimento Informado maiores de 18 anos	74
Anexo IV. Questionário.....	75

Índice de figuras

Figura 1. Roda do poder	22
Figura 2. Ciclo da violência.....	25
Figura 3. Situação de relacionamento.....	51
Figura 4. Com que idade começaste a namorar?	51

Índice de Tabelas

Tabela 1. Situação de relacionamento	51
Tabela 2. Médias e desvio-padrão de respostas para Comportamentos não abusivos do Próprio	52
Tabela 3. Médias e desvio-padrão de respostas para Comportamentos não abusivos Pelo Outro.....	52
Tabela 4. Médias e desvio-padrão de respostas para Comportamentos abusivos Pelo Próprio	53
Tabela 5. Médias e desvio-padrão de respostas para Comportamentos abusivos Pelo Outro	53

Introdução

A presente dissertação, inserida no âmbito do Mestrado Crime, Diferença e Desigualdade, intitula-se “Violência no Namoro: Estudo com Adolescentes do Ensino Secundário de Guimarães e pretende contribuir para o conhecimento do fenómeno da violência no namoro. O objetivo último desta dissertação é também, em paralelo, o de sensibilizar para esta questão, pois a violência no namoro é um fenómeno comum na sociedade e entre os jovens.

Para isso definimos como principal problemática desta investigação os comportamentos abusivos nas relações de intimidade entre os adolescentes. Neste sentido, e com o propósito de analisar as crenças e as práticas da violência no namoro a partir da ótica dos/as estudantes que frequentam o ensino secundário no concelho de Guimarães, foram enumerados alguns objetivos pelos quais o presente estudo foi orientado, objetivo geral: Analisar a violência, comportamentos e atitudes que legitimam essa mesma violência no ensino secundário do concelho de Guimarães; objetivos específicos: (1) Descrever a prevalência de vítimas de violência nos relacionamentos íntimos no ensino secundário do concelho de Guimarães (2) Descrever o conhecimento e a autoperceção dos estudantes face a esta problemática; (3) Identificar um modelo explicativo da violência no namoro (estratégias de resolução de conflitos abusivas e não abusivas), dos comportamentos de violência e das atitudes de violência no namoro (violência psicológica, física e sexual).

Tendo em consideração os objetivos traçados para o presente projeto, foi realizado um questionário estruturado com questões fechadas. O questionário foi realizado online.

Este estudo tornará mais compreensível o fenómeno da violência no namoro para a comunidade científica, para a sociedade em geral, e para as organizações de terceiro setor, por assumirem um papel primordial na prevenção com jovens estudantes, através da construção de relações de intimidade saudáveis e desconstrução de crenças, perceções e mitos que possam desencadear comportamentos abusivos.

A escolha deste tema deve-se ao facto de a associação a que pertenço, a ADDHG – Associação de Defesa dos Direitos Humanos de Guimarães, para além de ter um Gabinete de Atendimento a Vítimas de Violência Doméstica, também implementa projetos de sensibilização e prevenção nas escolas do concelho de Guimarães e ainda ao facto de haver poucos estudos na área da violência nas relações de intimidade em faixas etárias juvenis, como é o caso dos/as adolescentes que frequentam o ensino secundário. Como mencionam Bittar e Nakano (2017), esta falta de estudos sobre este tema pode ser justificada pela ideia de que o namoro, e sobretudo numa fase tão precoce, não é lugar de violência. Socialmente existe sobretudo uma preocupação com a violência existente em relacionamentos adultos e

mais estáveis, como as relações maritais, e uma valorização deste problema, passando assim para um plano secundário os relacionamentos de namoro entre os adolescentes. Neste seguimento, Ventura (2014) acrescenta que as investigações sobre o fenómeno da violência no namoro, no nosso país, centram-se principalmente na população universitária. Sendo consensual que a violência nas relações de intimidade juvenil constitui um problema social grave que merece ser alvo de atenção, pretendeu-se abordar esta temática desafiante, como o intuito de contribuir para um maior conhecimento do fenómeno, e salientar e valorizar o trabalho de prevenção e sensibilização realizado pelas organizações do terceiro setor nas escolas.

A seleção desta faixa etária recai no facto de ser na adolescência que se desenvolvem os primeiros relacionamentos amorosos, sendo também que a adolescência é a fase da vida de um individuo ideal para intervir, informar e educar. Por isso, as intervenções de prevenção da violência devem ser adequadas às necessidades de desenvolvimento de cada pessoa e grupo (Mpiana, 2011).

Assim, é necessário uma prevenção e intervenção nesta faixa etária, que tenha em consideração que neste grupo etário é difícil intervir no que concerne à violência no namoro (Martin, Houston, Mmari, & Mitchel, 2010), dado que os/as adolescentes que sofrem de violência tendem a permitir comportamentos violentos no contexto das relações e utilizam esses mesmos comportamentos nos seus relacionamentos (McDonell, Ott, & Mitchel, 2010).

Salientamos que a violência nas relações de intimidade é um problema de enorme relevância, não apenas quanto à sua prevalência e graves consequências, mas também porque ocorre numa fase onde os relacionamentos amorosos se estão a iniciar e os padrões interrelacionais estão a ser apreendidos, podendo passar para a fase adulta (Ferreira, 2011; Caridade & Machado, 2013). As consequências da violência podem prejudicar a vida das pessoas de forma grave, por um longo período de tempo, levando não só ao consumo inadequado de substâncias ilícitas como o álcool ou a droga, mas também à depressão, ao suicídio, ao insucesso escolar, ao desemprego e a dificuldades de relacionamento. Segundo a Organização Mundial de Saúde (OMS), crianças que sofrem rejeição, negligência, punição corporal severa e abuso sexual, ou que testemunham violência estão em maior risco de se envolverem em comportamentos agressivos e antissociais, por exemplo, em estágios mais avançados do seu desenvolvimento, incluindo comportamentos violentos na idade adulta. A prevenção surge como foco principal, no que diz respeito à abordagem a adotar perante este problema. Diversos autores já defendem que os objetivos passarão por aumentar a capacidade individual e institucional para a prevenção da violência, bem como a prestação de serviços a vítimas e perpetradores e também a recolha de dados e pesquisa sobre violência, o que irá possibilitar uma implementação de estratégias de prevenção

baseadas em evidência científica. Além disso, a base de um melhoramento nesta problemática passa, obrigatoriamente, pela sensibilização desde a mais tenra idade.

Neste sentido, é essencial trabalhar junto das escolas a questão do respeito e do relacionamento interpessoal saudável, lembrando que os nossos jovens são os adultos de amanhã e que poderão desconstruir crenças, atitudes, comportamentos, pensamentos numa ótica de se tornarem agentes de mudança, não só no presente, mas também no futuro. Torna-se então fulcral trabalhar competências de base com os jovens, essenciais para que estes sejam capazes de estabelecer relações saudáveis entre si. Assim, a escola desempenha um papel fundamental para o processo de educação e cidadania dos adolescentes, com capacidade para a consciencialização e alteração de comportamentos, tornando-se imprescindível integrar a escola como recurso e veículo de informação e capacitação nesta intervenção (Guerreiro et al., 2015).

A opção geográfica onde desenvolvemos a investigação deveu-se ao facto de a ADDHG – Associação de Defesa dos Direitos Humanos de Guimarães intervir e implementar programas de sensibilização e prevenção na área da violência nas relações de intimidade nas escolas do concelho de Guimarães, mas, também, ao propósito de aferirmos o impacto que os projetos que têm sido implementados neste município pela ADDHG e pelas restantes organizações do terceiro setor têm causado aos nossos jovens.

No que concerne à estrutura, a presente dissertação subdivide-se em 7 pontos centrais. A primeira parte contém o enquadramento teórico, onde se apresenta o panorama teórico sobre a violência do namoro e a abordagem utilizada neste trabalho. Primeiramente define-se o conceito de adolescência, o namoro enquanto relação de intimidade, o enquadramento legal da violência na intimidade, as várias tipologias de violência, as diversas abordagens explicativas do fenómeno da violência, a relação entre a violência no namoro e a delinquência juvenil, os fatores de risco associados à vitimação e à sua perpetuação, os diversos fatores protetores, as consequências biopsicossociais, as crenças e atitudes associadas à violência no namoro e a influência dos pares, pais e normas sociais. Depois de apresentado o objeto de estudo com vista à compreensão do fenómeno, reflete-se sobre a importância de uma prevenção precoce na escola como contexto privilegiado de implementação dos programas de prevenção primária. Por último reflete-se sobre o lugar e a relevância das organizações do terceiro setor na prevenção da violência no namoro, em geral, e com esta faixa etária em particular. De seguida descrevemos as opções metodológicas por detrás da investigação realizada, no que concerne aos participantes, à problemática apresentada, aos objetivos da investigação, assim como a apresentação e a análise dos resultados. Por último, na conclusão, pretendemos avançar algumas respostas no âmbito

da problemática apresentada, bem como refletir sobre as vantagens e o impacto dos programas de prevenção da violência no namoro implementados pelas organizações do terceiro setor.

1. A Adolescência

A adolescência é uma importante fase do desenvolvimento humano, que marca a transição da infância para a fase adulta, sendo fundamental para a construção e definição da personalidade e identidade.

A Organização Mundial de Saúde (OMS) define adolescência como o período entre os 10 e os 19 anos, e a Organização das Nações Unidas (ONU) como o período dos 15 aos 24 anos de idade (OMS, 1986).

De acordo com a Psicologia do Desenvolvimento, a adolescência não é um estado, mas sim um processo orientado para a maturidade dentro do desenvolvimento humano, caracterizado por mudanças cumulativas e irreversíveis e sendo um indivíduo um sistema aberto que influencia o ambiente e é influenciado por ele (Papalia et al., 2006). Para Papalia et al. (2006), o desenvolvimento tem três fatores principais que estão presentes na adolescência: o físico, o cognitivo e o psicossocial. Devido a estas alterações, cognitivas, psicológicas, físicas e sociais, a adolescência assume-se como uma fase complexa geradora de desafios, dilemas, dúvidas e conflitos, cuja resolução vai marcar a vida futura dos jovens.

Este período é também marcado pela construção da identidade e da autonomia parental, baseando-se nas múltiplas experiências e na complementaridade entre a vinculação aos pais e ao grupo de pares (Peralta & Rodrigues, 2006).

A construção da identidade é ainda assente nos valores e na visão que a pessoa adolescente detém sobre o mundo que a rodeia, sendo que estes são essencialmente transmitidos pela família, num primeiro momento do desenvolvimento e pela escola, num segundo momento (Camargo & Ferrari, 2009; Sampaio, 2002).

Nesta fase de desenvolvimento existe uma maior propensão para o envolvimento em comportamentos de risco, mas também de exploração e experimentação igualmente em contexto de relações de intimidade, sendo esta uma fase importante na educação para o desenvolvimento da cidadania dos jovens, para consciencializar e desmistificar crenças e estereótipos, educar para os afetos e promover as competências socioemocionais.

Para Saavedra (2010) a adolescência é um tempo de excelência para a prevenção primária da violência nos relacionamentos juvenis de forma a evitar experiências abusivas, uma vez que a maioria dos adolescentes irão estabelecer relações de intimidade e experimentar o namoro. É neste período que ocorrem também as primeiras experiências de vitimação na intimidade, bem como as primeiras manifestações de controlo e poder (Ventura, 2014).

Deste modo, as relações de intimidade nesta fase da vida assumem uma especial importância para o adolescente. Estas podem ser muito gratificantes, quando os seus parceiros são românticos e lhes transmitem segurança e companheirismo, mas também podem ser potenciadoras de impactos extremamente negativos, quando estão envolvidos numa relação abusiva.

De forma a compreender mais profundamente o desenvolvimento das relações amorosas em adolescentes, Collins (2003 citado em Morais, 2015) propõe cinco características que devem ser estudadas nas relações amorosas de adolescentes:

- a) O envolvimento pode refletir-se num encontro entre dois adolescentes, sendo que a duração da relação depende da frequência e da consistência do encontro;
- b) A qualidade de uma relação amorosa refere-se ao grau de qualidade de experiências que esta oferece, sendo que as relações de alta qualidade são aquelas em que os parceiros manifestam intimidade e afeto e as relações de baixa-qualidade geram irritação e níveis consideráveis de conflito;
- c) O conteúdo está relacionado com a partilha de atividades, através da comunicação, objetivos comuns ou a realização de tarefas juntos, durante uma relação de intimidade;
- d) A escolha do parceiro ocorre com base em determinadas características físicas e/ou psicológicas;
- e) Os processos cognitivos e emocionais envolvidos na relação de intimidade, ou seja, as respostas emocionais, percepções, expectativas e atributos relativos ao parceiro ou à sua relação ou ainda ser e estar numa relação.

1.1. O Namoro enquanto relação de intimidade: do romântico ao violento

As relações de intimidade têm uma função muito importante no bem-estar dos indivíduos e no seu desenvolvimento. O namoro é uma relação interpessoal que sempre esteve presente na nossa sociedade, porém o seu conceito foi evoluindo ao longo do tempo (Oliveira, 2011). Antigamente o namoro era visto apenas como uma forma de construir família, se fosse considerado sério poderia levar ao casamento.

Atualmente o namoro assume-se como “uma relação entre duas pessoas, interposta pelo desejo de ficarem juntas, porém com regras estabelecidas de compromisso e fidelidade, na qual ambas residem em lares diferentes e podendo ou não preceder um casamento” (Santos, 2015, p.28). Da mesma forma, Murray e Kardatzke (2007, citado por Oliveira, 2011) definem também o namoro como uma relação de intimidade entre dois indivíduos que possuem uma ligação emocional, romântica e/ou sexual mais forte do que uma relação de amizade. Deste modo, os indivíduos envolvem-se romanticamente porque acreditam ter encontrado o amor.

Para se compreender melhor o amor, Sternberg (1986 citado em Morais, 2015) desenvolveu a teoria triangular do amor. Esta proposta contém três componentes do amor, pictoricamente representados pelos vértices de um triângulo: intimidade, paixão e decisão/compromisso. A teoria de Sternberg descreve os diferentes elementos do amor, as possíveis combinações desses elementos e o momento certo de formar outros tipos de relações. O grau em que cada um desses elementos está presente determina o tipo de amor que os indivíduos têm: a intimidade está situada no topo do triângulo, e define-se como sendo a proximidade, a união e a conexão dos indivíduos que conduzem ao entusiasmo; a paixão é o impulso que leva à vontade de estarem perto um do outro, à atração física e sexual originando o romance; a decisão/compromisso corresponde à convicção de amor e de se ser amado bem como o desejo de ter uma relação de longa duração (Cassepp-Borges & Teodoro, 2007; Hendrick & Hendrick, 1992; Neto, 1992 citado em Morais, 2015). Quando estes três componentes de amor estão presentes fala-se em amor perfeito e pleno, no entanto quando os três componentes estão ausentes, fala-se na ausência de amor (Sternberg, 1986 citado em Morais, 2015).

No mesmo seguimento Sternberg realça oito tipos de amor, baseando-se na presença ou não das componentes de amor: não gostar (ausência das três componentes); gostar (presença do elemento intimidade); amor louco (elemento paixão presente); amor vazio (presença da componente decisão/compromisso); amor romântico (intimidade e paixão presentes); amor companheiro (presença da intimidade e da decisão/compromisso); amor insensato (paixão e decisão/compromisso presentes) e amor-imperfeito (três componentes presentes) (Neto, 2000).

Para explicar a união e a relação entre duas pessoas desenvolveu-se o conceito de amor romântico. Ainda que se trate de uma construção histórico-cultural, do ponto de vista psicológico este pode ser dividido em três fases, com características emocionais e componentes químicos específicos. A fase inicial, denominada “fase de desejo”, envolve as hormonas sexuais, sendo essas a testosterona para o sexo masculino e estrogénio para o feminino. Esta fase acentua-se na adolescência, quando estas hormonas começam a circular com mais abundância no sangue, sendo que, a partir deste momento o indivíduo demonstra interesses sexuais pelos seus parceiros. A segunda fase é a “fase da atração”, na qual o indivíduo está apaixonado, podendo manifestar diversos comportamentos típicos desta fase tais como: falta de concentração, falta de apetite, suor nas mãos, entre outros. A terceira fase é a “fase da ligação”, onde se criam vínculos para que os parceiros permaneçam juntos. Esta é a fase mais avançada, sendo que a atração e a paixão já foram ultrapassadas.

De acordo com Oliveira (2011, p.4) uma relação de namoro passa pelas seguintes fases: começa com

“interações frequentes entre duas pessoas que procuram a companhia uma da outra. E que ao longo do tempo vão aumentando o seu grau de intimidade física e psicológica, iniciam um processo de compreensão a partir do ponto de vista do outro, estabelecem objetivos comuns, partilham semelhanças entre eles, investem no relacionamento e por fim começam a comportar-se como um casal”.

Nos dias de hoje a evolução social fez surgir outras formas de relações de intimidade entre os jovens, para além do namoro. São elas “ficar”, “pegar” ou “curtir” (Simões, 2015, p.20). Na relação do “ficar” não existe um compromisso entre os indivíduos, apenas se procura o prazer a partir da sedução e pode incluir, abraços, beijos e relações sexuais, sendo que os indivíduos envolvidos nesta relação de intimidade, mais tarde, podem desenvolver uma relação de namoro. Este tipo de relacionamento surge muitas vezes em festas, tem uma duração variável, podendo um indivíduo manter esta relação com mais de uma pessoa. A relação de intimidade “pegar” ou “curtir” apresenta muitas características semelhantes à relação “ficar”, uma vez que também existe a ausência de compromisso. Contudo, esta relação é um ato mais espontâneo, desenvolvendo-se devido à beleza ou sensualidade do outro (Stengel & Tozo, 2010, citado por Simões, 2015). Embora estas formas de relacionamento não incluam o namoro, os indivíduos envolvidos partilham uma relação de intimidade.

Nas relações de intimidade descritas podem existir muitas vezes conflitos entre os elementos do casal. Estes conflitos podem ser caracterizados por diversos níveis de intensidade, frequência, conteúdo e resolução e surgem devido ao processo de adaptação, sincronia e amadurecimento da relação ao longo do tempo (Bertoni & Bodenman, 2010 citado por Costa, Cenci & Mosnmann, 2016).

De acordo com Deutch e Coleman (2000, citado por Pereira, 2014, p.10) “ a ausência de conflito geralmente demonstra ausência de interação significativa. Deste modo, estes autores afirmam que por si só o conflito não é bom nem mau, mas será o modo como lidamos com o conflito que “irá determinar o quão construtivo ou destrutivo ele poderá ser. Assim, as estratégias de resolução de conflito são muito importantes e podem ser definidas como positivas ou negativas (Pereira, 2014, p.11). Nas primeiras estão presentes “a empatia, negociação, aceitação e respeito pela individualidade do outro, perdão, utilização do humor, comunicação clara e sincera” e as segundas envolvem “a perda de controlo, a retirada/evitamento, a cedência imediata (sem apresentação do seu próprio ponto de vista), defensividade, agressão e retração” (Pereira, 2014, p.11).

Nesta lógica, as relações de intimidade podem ser saudáveis e agradáveis para os elementos do casal ou através dela se evidenciam e perpetrarem os primeiros atos de violência (Oliveira, 2004). Podendo desta forma uma relação de intimidade tornar -se abusiva e tóxica.

1.2. Conceito de violência no namoro

A violência é algo comum na sociedade, no nosso quotidiano, surgindo sob as mais variadas formas. Por sua vez, a violência nas relações de namoro foi, durante muito tempo, relegada para segundo plano no âmbito da investigação e intervenção. As dificuldades inerentes à própria definição do conceito e a sua operacionalização e o difícil acesso dos investigadores à população juvenil assumem-se como os principais obstáculos à visibilidade social desta problemática e que, durante anos, levaram à sua ocultação. Até aos anos 80, a extensão e gravidade deste fenómeno eram incógnitas e só em 1981 começam a surgir as primeiras preocupações e estudos na área da violência na intimidade juvenil (Nascimento, 2019). Por trás desta investigação limitada, muitas vezes, temos certos estereótipos, como a inexistência de violência entre relações juvenis (Bittar & Nakuno, 2017, p. 2), também temos certos fatores explicativos, como a vitimação prévia na infância, de forma direta ou indireta, consumo de álcool e drogas e o surgimento da violência, por parte de quem a pratica, como estratégia de resolução de conflitos (Oliveira e Sani, 2005).

A partir de 1990, Portugal começou a verificar uma maior consciencialização sobre a gravidade desta problemática, tendo sido publicados alguns estudos da UMAR, que muito têm contribuído para o dimensionamento e discussão do problema, na perspetiva de prevenção desse fenómeno. Começou a ser senso comum ver a violência no namoro como um problema social e merecedor de atenção.

Pensando na violência nas relações de intimidade juvenil, importa perceber, em primeiro lugar, que as relações de namoro se iniciam normalmente na adolescência, uma fase transicional do desenvolvimento em que ocorrem diversas alterações afetivas e biológicas (Muñoz-Rivas, Graña & O'Leary, 2007). A adolescência é considerada um período crítico onde se começam a formar as relações extrafamiliares e em que o/a jovem faz esforços para ganhar a sua autonomia e definir a sua identidade. É uma fase de construção de personalidade dos/das jovens, sendo estes/estas confrontados/as com comportamentos menos corretos que podem levar à legitimação destes comportamentos (Beserra, Leitão, Fabião, Dixie, Veríssimo & Ferriani, 2016). Caridade e Machado (2012) definem a adolescência como uma passagem perigosa em que há grande vulnerabilidade à existência de conflitos em relações de intimidade. Esta vulnerabilidade é inquestionável uma vez que é um período de imaturidade emocional, inexperiência relacional e iniciação à sexualidade.

Para conseguirmos debater sobre o que é a violência no namoro, primeiro temos de saber o seu significado. Contudo esta problemática não parte de uma experiência científica, mas sim da conceção daquilo que é aceitável ou não em termos de comportamentos. A diversidade de códigos morais existentes em todo o mundo faz da violência um dos tópicos mais desafiantes e sensíveis de abordar,

pois a noção do que é admissível ou não é influenciado pela cultura (WHO, 2002). Depois, importa dizer que a violência nas relações de intimidade juvenil, comumente designada de violência no namoro, constitui uma subcategoria da violência nas relações de intimidade e da violência de gênero. Assim, surge como resultado das relações desiguais de poder, em que uma das partes da relação, na maior parte das vezes o homem/rapaz, tenta impor a sua força submetendo a vítima a comportamentos de poder e de controle (UMAR, 2017).

Segundo a Organização Mundial de Saúde (WHO, 2002), a violência no namoro é um comportamento dentro de uma relação íntima que causa dano físico, sexual ou psicológico, podendo incluir atos de agressão física, coerção sexual, abuso psicológico e comportamentos de controle.

A Organização Mundial da Saúde (WHO, 1996, p.4) define violência como “o uso de força física ou poder, podendo manifestar-se em ameaça ou na prática, contra si próprio, contra outra pessoa ou contra um grupo ou comunidade; diz respeito a comportamentos que resultem, ou possam resultar, em sofrimento, morte, dano psicológico, desenvolvimento prejudicado ou privação”. A violência expressa-se através de atos físicos, verbais e emocionais que ameaçam o bem-estar da vítima e de forma alguma deve ser minimizada, pois é um alerta de risco que tende a agravar-se na frequência e na intensidade e aumenta a probabilidade de violência conjugal. A inclusão da palavra “poder” amplia a natureza de um ato violento e expande o conceito habitual de violência, passando a incluir, também, atos que resultam de uma relação de poder, como comportamentos de intimidação e uso da ameaça. O uso de “poder” leva a incluir a negligência ou atos de omissão, além dos atos violentos óbvios (Dahlberg & Krug, 2002, p. 1165).

2. Violência nas relações de intimidade: do conceito à investigação do fenómeno

2.1. Enquadramento legal da violência na intimidade

Embora a violência nas relações de intimidade sejam um flagelo que tem acompanhado a nossa história, apenas recentemente é que Portugal começou a criminalizar a violência doméstica.

A constituição de 1933, do Estado Novo, afirmava que não podia haver discriminação do ser humano em função da sua religião, raça ou sexo (Pimentel & Tamzali, 2014). No entanto, continha um artigo que referia que as mulheres, por questões biológicas e ideológicas, não podiam ter os mesmos direitos que os homens.

Até ao 25 de abril de 1974, os direitos das mulheres eram baseados no Código Civil napoleónico de 1867, “que colocava a mulher numa situação de obediência face ao marido, que era o chefe da família” (Pimentel & Tamzali, 2014, p.126).

Apenas no ano de 1991 foi aprovado o Decreto – Lei n.º 61/91, de 13 de agosto, pretendendo reforçar a proteção legal das mulheres vítimas de violência doméstica. Este decreto de lei teve como objetivo criar um sistema de proteção, através de campanhas de sensibilização e prevenção, criação e distribuição de um guia informativo, criação de centros de estudo e investigação, criação de um serviço telefónico de informação de cariz nacional grátis, casas de acolhimento de vítimas e constituição de secções de atendimento direto às vítimas para a apresentação de denúncias da prática de atos de violência.

No ano de 1999 foi aprovado o Decreto – Lei n.º 107/99, de 3 de agosto, instituindo a criação e funcionamento da rede pública de casas de abrigo para mulheres vítimas de violência doméstica. Para além do alojamento estas casas prestavam também apoio jurídico e psicológico às vítimas gratuitamente. Foi também aprovado nesse ano o regime aplicável ao Adiantamento pelo Estado de Indeminização devido às vítimas de violência doméstica através da Lei n.º 129/99, de 20 de agosto e ainda criado o primeiro Plano Nacional de Combate à Violência Doméstica que tinha como objetivo sensibilizar, prevenir e intervir para proteger a vítima de violência doméstica (Afonso, 2010).

Em 2000, é aprovado o Decreto-Lei n.º 7/2000, de 27 de maio, o crime de maus tratos passou a assumir a natureza de crime público, o que significa que o procedimento criminal não está dependente de queixa por parte da vítima, bastando uma denúncia ou o conhecimento do crime para que o ministério público promova o processo crime. Também no ano 2000, foi reiterada a Lei n.º 323/2000, de 19 de dezembro que regulamentava a rede pública de casas abrigo para vítimas de violência doméstica (Ribeiro, 2013). Durante a permanência nas casas de abrigo, “as mulheres vítimas de violência

doméstica, acompanhadas ou não de filhos menores, iriam desenvolver aptidões pessoais, profissionais e sociais, de modo a serem evitadas eventuais situações de exclusão social e tendo em vista a sua reinserção social” (Ribeiro, 2013, p.21). Estas mulheres tinham direito a alojamento, alimentação gratuita, sendo que o seu acolhimento tinha uma duração não superior a seis meses, pois pressupunha-se o seu regresso à vida na comunidade.

Mais tarde, no ano 2007, o artigo 152.º do Código Penal passou a “prever a eventual violência entre namorados/as e ex-companheiros/as – casais heterossexuais ou homossexuais, ainda que apenas refira que a relação entre estas pessoas seja análoga à dos cônjuges” (Gama, Veríssimo & Tomás, 2017, p.80). No entanto apenas em 2013, através da Lei n.º 19/2013 (Decreto – Lei n.º 19/2013 de 21 de fevereiro) é que a violência no namoro foi inserida no artigo 152º “(b) a pessoa de outro ou do mesmo sexo com quem o agente mantenha ou tenha mantido uma relação de namoro ou uma relação análoga à dos cônjuges, ainda sem coabitação” (p.1096).

Deste modo, na sua redação atual, o artigo define e criminaliza a violência doméstica da seguinte forma:

1 - Quem, de modo reiterado ou não, infligir maus tratos físicos ou psíquicos, incluindo castigos corporais, privações da liberdade e ofensas sexuais:

a) Ao cônjuge ou ex-cônjuge;

b) A pessoa de outro ou do mesmo sexo com quem o agente mantenha ou tenha mantido uma relação de namoro ou uma relação análoga à dos cônjuges, ainda que sem coabitação;

c) A progenitor de descendente comum em 1.º grau; ou

d) A pessoa particularmente indefesa, nomeadamente em razão da idade, deficiência, doença, gravidez ou dependência económica, que com ele coabite;

1 - No caso previsto no número anterior, se o agente praticar o facto contra menor, na presença de menor, no domicílio comum ou no domicílio da vítima é punido com pena de prisão de dois a cinco anos.

3 - Se dos factos previstos no n.º 1 resultar: a) Ofensa à integridade física grave, o agente é punido com pena de prisão de dois a oito anos;

b) A morte, o agente é punido com pena de prisão de três a dez anos.

4 - Nos casos previstos nos números anteriores, podem ser aplicadas ao arguido as penas acessórias de proibição de contacto com a vítima e de proibição de uso e porte de armas, pelo período de seis meses a cinco anos, e de obrigação de frequência de programas específicos de prevenção da violência doméstica.

5 - A pena acessória de proibição de contacto com a vítima deve incluir o afastamento da residência ou do local de trabalho desta e o seu cumprimento deve ser fiscalizado por meios técnicos de controlo à distância.

6 - Quem for condenado por crime previsto neste artigo pode, atenta a concreta gravidade do facto e a sua conexão com a função exercida pelo agente, ser inibido do exercício do poder paternal, da tutela ou da curatela por um período de 1 a 10 anos.

(Redação dada pela Lei nº19/2013, de 11 de fevereiro, vigente a partir de 13 de março de 2013)

Analisando a subjetividade deste crime, este apenas pode ser cometido dolosamente, ou seja, determina-se que o infrator tenha plena consciência da qualidade de identidade da vítima e, mesmo assim, não se demova da prática dos factos criminosos. Acresce ainda a exigência de que a conduta do agente infrator coloque em risco e de modo relevante a saúde física ou psíquica da vítima. O bem jurídico

é complexo e plural, objetivando essencialmente a saúde, nas vertentes de saúde física e/ou mental, mas abrangendo também a proteção da dignidade humana no âmbito de uma particular relação interpessoal. Este bem jurídico, conseqüentemente, é suscetível de ser afetado por uma diversidade de comportamentos, desde que dificultem ou impeçam o normal desenvolvimento ou afetem a dignidade pessoal e individual do cônjuge.

2.2 Tipologias de violência

Dentro da problemática da violência doméstica, a APAV (2010) faz referência a vários tipos de violência, nomeadamente:

- 1- Violência física: uso da força física por parte do/a agressor/a contra a vítima, cujo objetivo é ferir ou causar dano físico, podendo ou não deixar marcas, entre outros comportamentos;
- 2- Violência psicológica: utilização de palavras ou comportamentos que visam perturbar psicologicamente a vítima, como ameaçar a integridade física ou a vida, desprezar, humilhar, injuriar, criticar, insultar, gritar, destruir objetos (de valor afetivo ou não), ameaçar, maltratar outros importantes para a vítima, entre outros;
- 3- Violência social: ações que conduzam ao isolamento da vítima, através do afastamento da sua rede social e familiar, com o intuito de mais facilmente a manipular ou controlar. São estratégias que envolvem a proibição de sair de casa sozinho/a, de trabalhar fora de casa, de estar com amigos ou familiares;
- 4- Violência económica: promove o controlo e isolamento da vítima, inibindo a mesma de aceder a dinheiro, a bens de necessidade básica, ocorrendo sobretudo em contextos em que o/a agressor/a constitui o único sustento familiar;
- 5- Violência sexual: prática forçada de todo o ato sexual, tentativa de consumação do ato sexual, comentários ou insinuações sexuais não desejadas, forçar a praticar atos sexuais com terceiros, forçar a prostituição. A violência sexual pode não incluir contacto físico, pois pode traduzir-se, por exemplo, em assédio, atos sexuais de relevo ou discriminação sexual (Oliveira, 2009).

Temos, então, um complexo conjunto de processos que suportam o controlo do/a agressor/a sobre a vítima e a manutenção desta na relação abusiva. O objetivo central passa pelo poder e pelo controlo sobre a vítima, realizando o/a agressor/a um conjunto de comportamentos interrelacionais para garantir o seu exercício (CIG, et al., 2016). Afigura-se (Figura 1) a “Roda do Poder”, constituída no âmbito do Modelo de Duluth, nos EUA.

Figura 1. Roda do poder



Fonte: Modelo de Duluth

2.3 Abordagens explicativas do fenómeno da violência

A revisão da literatura mostra que há um percurso evolutivo nas diversas abordagens explicativas do fenómeno da violência. Dessas abordagens, três são as teorias que melhor reúnem as variáveis descritivas do problema.

- 1- **Abordagens intra-individuais:** Tentam compreender as atitudes dos ofensores e das vítimas através das suas características biológicas e psicológicas, focando-se nas experiências precoces de violência dos indivíduos, aliada à presença de determinados fatores situacionais, como o consumo de álcool, conflitos relacionais, entre outros. Ou seja, focam-se nas características do agressor e na personalidade da vítima, embora de forma superficial. Nesta teoria, os agressores são libertos de responsabilidade pelo comportamento, enquanto as características individuais das mulheres são apresentadas como legitimadoras da sua situação. Pois o agressor reagiria devido à frustração que as mulheres causariam. Para além desta limitação da teoria, numa lógica preventiva, erradicar a violência passaria pelo tratamento clínico do agressor e não uma intervenção social e/ou comunitária (Matos, 2002).
- 2- **Abordagens didático-familiares:** Dentro destas abordagens temos a teoria intergeracional que defende que a experiência da vitimação na infância favorece a sua perpetuação. Esta teoria sustenta que quem já foi vítima de violência, de forma direta ou indireta, frequentemente se torna um adulto agressor. Os autores desta teoria referem que a exposição à violência proporciona, do mesmo modo, um modelo de desempenho vitimador. É a teoria mais consciente no que aos homens diz respeito,

pois defende que um background violento torna, tanto a mulher como o homem, suscetível à violência no futuro. Temos a noção de aprendizagem social, os comportamentos são determinados pelo ambiente em que nos inserimos e a violência é percebida como forma adequada de resolução de conflitos. Contudo, podemos ter indivíduos violentos que nunca experienciaram violência na infância (Caridade & Machado, 2012);

3- Abordagens socioculturais: A violência resulta de um conjunto de valores patriarcais que se foram institucionalizando a vários níveis e sob formas diferentes (Nayak et al., 2003). Os autores alinhados por estas perspetivas defendem que a violência é resultado do tratamento histórico da mulher e da atual sociedade patriarcal. Nesta conjuntura, a violência é como que justificada. Contudo, o peso desses valores está apenas presente e influencia um determinado conjunto de indivíduos em detrimento de outros (Caridade & Machado, 2012).

A violência não faz parte da natureza humana e não possui uma origem biológica. Ela é um fenómeno biopsicossocial complexo e dinâmico que se forma e desenvolve no contexto da sociedade, sendo que há estudos que mostram a existência de predisposições biológicas e fatores individuais para a agressão, no entanto, essas predisposições não originam, necessariamente, comportamentos de violência. A interação destas predisposições com fatores familiares, culturais, comunitários ou outros é que pode originar situações de violência (Dahlberg & Krug, 2007).

Como mencionado anteriormente, as perceções sobre a violência poderão ter também um papel preponderante na compreensão do fenómeno da violência nas relações de namoro, pois poderão ou não legitimar estes comportamentos. A forma como se interpreta determinada situação vai condicionar a maneira como o individuo age quando confrontado com este tipo de realidade, daí a importância de perceber quais as crenças associadas à violência e a forma como esta é interpretada pelos adolescentes. Isto interliga-se com as abordagens mencionadas, sendo que a perceção que uma criança ou jovem tem das relações familiares poderá prever o seu comportamento futuro em termos de agressividade ou não-agressividade (Oliveira, 2009).

De acordo com a criminologia, a violência íntima é a expressão de um padrão de conduta antissocial mais geral, propondo que as pessoas que apresentam atos de agressão persistente para com o/a parceiro/a amoroso/a têm grandes probabilidades de ter uma história passada de envolvimento em outros atos antissociais. Para além disso, coloca a violência íntima como um mal advindo de uma ineficácia parental e como tal não nos providencia explicações para os casos de violência em que os seus intervenientes são oriundos de famílias sem historial de violência passada.

As perspectivas feministas, por sua vez, reconhecem a influência cultural neste tipo de atos, enfatizando o papel das mensagens sociais e culturais na normalização e aprovação da violência na intimidade. Segundo estas perspectivas, a violência resulta de um conjunto de valores patriarcais que se foram institucionalizando a vários níveis e sob diferentes formas: a nível macrossocial, como o sistema legal e instituições sociais; a nível intergeracional, com valores patriarcais transmitidos de geração em geração; ao nível cultural, destacando-se a este nível o papel dos media na reprodução desses mesmos valores; e ao nível individual, em que o individuo acaba por incorporar esses valores.

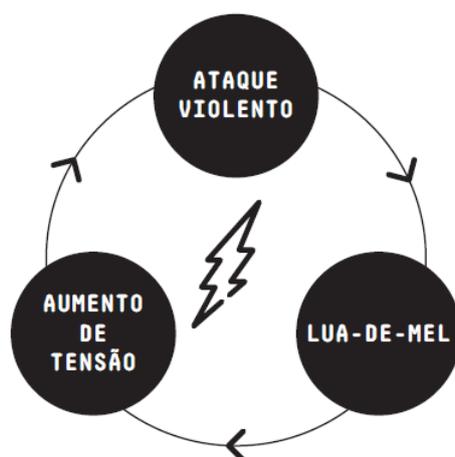
Em termos de fatores de risco, a grande preocupação centra-se nos fatores de risco dos agressores e nos fatores de risco das vítimas, os quais se podem organizar em seis dimensões anteriormente referidas: familiares, ambientais, sociodemográficos, intrapessoais, interpessoais e situacionais (Caridade, 2012).

2.4 Ciclo da violência

A violência no namoro aparenta ser um precursor da violência conjugal, pelo que é importante compreender o ciclo conjugal que permite a manutenção da situação da violência. Este ciclo é constituído por três fases (APAV 2010):

- 1- Fase de aumento de tensão: As tensões quotidianas acumuladas pelo/a agressor/a, que este/a não sabe ou não consegue resolver, criam um ambiente de perigo iminente para a vítima que é, muitas vezes, culpabilizada por tais tensões. Sob qualquer pretexto o/a agressor/a direciona todas as suas tensões para a vítima. E os pretextos, que podem ser muito simples, são usualmente situações do quotidiano;
- 2- Fase do ataque violento: O/A agressor/a maltrata, física e/ou psicologicamente, a vítima, que procura defender-se, esperando que o/ agressor/a pare e não avance com mais violência;
- 3- Fase do apaziguamento ou da Lua-de-Mel: O/A agressor/a, depois de a tensão ter sido direcionada sobre a vítima, sob a forma de violência, manifesta-lhe arrependimento e promete que não vai voltar a ser violento/a.

Figura 2. Ciclo da violência



Fonte: APAV

Deste ciclo de violência podem resultar várias consequências para a vítima, que correspondem a indicadores psicológicos, físicos, sexuais e económicos. Podem manifestar-se a curto-prazo ou a médio-prazo.

- a) A curto-prazo: A vítima sofre lesões corporais, mais frequentes as da superfície corporal, com relevo para as pisaduras (equimoses), arranhões (escoriações), hematomas, lesões de esganadura (pescoço), feridas diversas, perda de cabelo por arrancamento (alopecia traumática) e queimaduras. Nos casos mais graves, fraturas ósseas (mais frequentemente no nariz), lesões dentárias, oftálmicas e das vísceras torácicas e/ou abdominais;
- b) A médio-prazo: A vítima sofre de alterações do sono e do apetite, sentimentos de medo, vergonha e/ou culpa, baixa autoestima e autoconceito negativo, vulnerabilidade, passividade, isolamento social e ideação suicida. Podem observar-se lesões mais estruturadas, incluindo alterações da imagem corporal e disfunções sexuais, perturbações cognitivas ao nível da memória, da concentração e da atenção – incluindo distorções cognitivas, distúrbios de ansiedade, hipervigilância, fobias, crises de pânico, depressão e perturbação de stress pós-traumático.

2.5 O conceito de delinquência juvenil

A definição de delinquência está ainda hoje marcada por uma certa imprecisão, e embora seja definida através de critérios jurídico-penais, sendo delinquente o indivíduo que executou atos dos quais resultou uma condenação pelos tribunais, pode confundir-se com a definição de comportamento antissociais ou desviantes (Negreiros, 2001), que são condutas que unicamente infringem normas e expectativas sociais.

Quando falamos concretamente na delinquência juvenil, esta pode ser definida como “todos os comportamentos problemáticos que se manifestam no decurso de transição dos jovens para a vida adulta, sendo entendidos como comportamentos de quebra de condutas sociais convencionais que o indivíduo manifesta decorrentes de um processo de socialização juvenil” (Carvalho, 2003). Isto remete-nos novamente para a imensa variedade de feições que a delinquência, e em especial a delinquência juvenil, assume. Há atos delinquentes mais ou menos gravosos que utilizam recursos mais ou menos violentos ou até sem qualquer tipo de violência. Há atos praticados por jovens que têm persistido ao longo dos tempos na vida das sociedades, mas, simultaneamente, têm-se registado alterações no padrão da delinquência em função de diferentes períodos históricos, sociais e económicos, fazendo emergir novas formas de delinquência, como é o caso dos crimes que fazem uso das tecnologias.

Ainda que delinquência juvenil seja um fenómeno de forte visibilidade social, diversos estudos, em diferentes contextos, têm revelado que “enquanto que a maioria dos adolescentes poderá envolver-se, ainda que ocasionalmente, em atividades antissociais, só um número restrito apresentará comportamentos delinquentes graves e persistentes” (Negreiros, 2008)

2.6 Violência no namoro e a delinquência juvenil

Fazendo alguma revisão da literatura, é possível perceber que tem sido demonstrada a existência de um conjunto de fatores que podem ser fundamentais para o envolvimento dos jovens em situações de violência no namoro, sendo por isso designados de fatores de risco. Existem diversos estudos elaborados que relacionam a delinquência juvenil com a prática de violência no namoro. Salientamos o estudo de Schnurr e Lohman (2008) que refere que o envolvimento em idades precoces, dos 10 aos 15 anos, com pares antissociais está diretamente relacionado com a prática de violência no namoro, quer nas raparigas, quer nos rapazes. Os mesmos autores definem os pares antissociais como amigos que participam em atividades delinquentes como roubar, uso de drogas e possuir uma arma.

De acordo com um estudo realizado por Chase, Treboux e O`Leary (2002) o papel dos pais é fundamental no desenvolvimento saudável dos adolescentes. Com adolescentes do sexo masculino é importante trabalhar problemas de externalização, consumo de drogas e histórico de agressões a parceiros anteriores. Segundo o mesmo estudo com as adolescentes do sexo feminino, é fundamental estar atento a sintomas de internalização e dos quais elas percecionam uma pouca disponibilidade efetiva, fraco envolvimento e supervisão parentais. Este estudo salienta ainda que o papel parental tem um fator determinante e fulcral numa possível trajetória antissocial ou inadaptada.

Já Lavoise (2002) realizou um estudo acerca da educação rígida por parte dos progenitores ou dos cuidadores afirmando que a fraca monitorização parental está relacionada com de forma indireta com a violência no namoro, reforçando que se as crianças não forem devidamente monitorizadas pelos pais tendem a tornar-se delinquentes e correm o risco de se tornarem violentas nas relações de intimidade conjugal. A prevenção da violência deve ser realizada nos delinquentes na sua adolescência, pois é nestas idades que há um maior risco de se praticarem abusos emocionais e físicos contra os seus parceiros. Os mesmos autores identificam alguns fatores de risco como: duração do relacionamento, pouca experiência, desejo de independência e vivência de namoros violentos como sendo facilitadores de violência no namoro.

Outros fatores de risco foram identificados por Caridade & Machado (2006); Champion, Foley, Sigmon-Smith et al., (2008); Glass, Fredland, Campbel, Yonas et al. (2008); Kerman & Powers (2006); Matos et al. (2006); Medeiros & Straus (2006) como facilitadores da violência no namoro. São eles comportamentos de raiva, traços e características de personalidade, conflitos no relacionamento, problemas de comunicação e comportamentos dominadores e atributos negativos do parceiro. Outro fator de enorme relevância é a violência intrafamiliar, sendo que pode levar a uma predisposição para relações amorosas violentas, como perpetrador ou como vítima, podendo deste modo haver uma replicação dos comportamentos vivenciados (Caridade & Machado, 2006; Champion, Foley, Sigmon-Smith et al., 2008; Glass, Fredland, Campbell, Yonas et al., 2003; Kerman & Powers, 2006; Matos et al., 2006; Medeiros e Straus, 2006).

Na adolescência atribui-se uma maior influência ao grupo de pares uma vez que os mesmos servem de modelo de comportamento muito jovem na juventude (Lavoive, Herbert & Dufort, 1995 citado por Oliveira & Sani, 2009; Arriaga & Foshe, 2004). Nesta fase da vida a pressão do grupo de pares, assim como o desejo de ser aceite pelos mesmos é muito grande, podendo levar a que se aceite a violência como algo normal, reforçando deste modo os comportamentos agressivos no namoro. Alguns estudos referem que a influência do grupo de pares na prática de comportamentos violentos é superior à influência que exerce uma família com historial de violência.

No entanto, a violência no grupo de rapazes tem sido relacionada com a prática de violência no namoro e o abuso sexual (Oliveira & Sani, 2009). Relativamente às raparigas, o fato de fazerem parte de um grupo violento, ou terem sido vítimas de assédio sexual por parte dos rapazes, e o envolvimento em confrontos físicos, são considerados fatores preditores de vitimação nas relações de namoro (Foshee, Reyes & Ennet, 2005). A Associação Portuguesa de Apoio à vítima (APAV, 2011) afirma que a associação e o envolvimento com os pares desviantes constituem um fator de risco para a manifestação da violência

no namoro. No entanto, a existência de pares envolvidos em relações abusivas e o envolvimento na perpetração de comportamentos violentos e agressivos contra pares são também fatores de risco para a prática de violência nas relações. Por sua vez, a fraca demonstração de afeto e maus tratos infantis estão positivamente relacionados com a violência no namoro e com a delinquência juvenil. Por outro lado, a delinquência juvenil relaciona-se positivamente com a violência no namoro (Tyler & Melander, 2012).

Posto isto podemos depreender, embora os diversos estudos sobre os fatores sociais apontem em sentidos por vezes opostos, que o facto de os jovens viverem ou presenciarem situações violentas tem influência nas suas atitudes, seja como fator perpetrador, como facilitador para a perpetração ou como facilitador para a perpetração ou vitimação da violência nas relações de namoro.

2.7 Fatores de risco associados à vitimação e à perpetuação

A violência nas relações de intimidade juvenis origina fatores de risco que promovem o seu acontecimento, ou seja, condições ou características que podem aumentar ou manter a probabilidade de aparecimento ou ocorrência de um determinado fenómeno, estando relacionados com fatores sociais, psicológicos, culturais ou situacionais (APAV, 2011). Para compreender e prevenir a violência nas relações de intimidade é determinante abordar os fatores de risco, pois se os jovens reconhecerem a sua presença para a violência no namoro, através de ações de sensibilização e informação, podem proteger-se e, nesse sentido, a experiência da violência no contexto de namoro pode ser evitada (Gonçalves, 2014).

Os fatores de risco podem ser características e atributos individuais ou da comunidade onde os adolescentes estão inseridos, aumentando a probabilidade de se tornarem violentos. Não sendo a causa direta da violência na intimidade juvenil, podem contribuir para a sua ocorrência (Ribeiro & Sani, 2009).

Os fatores de risco podem ser agrupados em diferentes categorias: fatores familiares (observar violência interparental, práticas parentais maltratantes, abuso sexual na infância), ambientais (grupo de pares, observar violência na comunidade), fatores sociodemográficos (idade, género, etnia, nível socioeconómico, área de residência e práticas religiosas), fatores intrapessoais (depressão, autoestima, comportamentos antissociais), fatores interpessoais (satisfação relacional, estratégia de resolução de problemas, competências de comunicação, duração da relação e comprometimento emocional) e por fim os fatores de risco situacionais (álcool e/ou drogas) (Caridade, 2011).

Já para a APAV (2011), os fatores de risco associados à vitimação podem ser individuais, como o sexo, a idade e a aceitação da violência; relacionais, como o isolamento, controlo, pressão dos pares e a violência na família de origem; comunitários, isto é, a relação do jovem com o seu contexto escolar, o

funcionamento e as estruturas da comunidade e sociais, que remetem para as normas sociais vigentes na sociedade.

Quanto aos fatores de risco individuais relacionado ao género, ambos os géneros podem ser vítimas de violência, no entanto existe um maior risco de vitimação por formas mais severas de violência física, que envolvam maior dano físico e psicológico, para o sexo feminino, assim como um maior risco de vitimação por condutas sexualmente abusivas no âmbito das relações de namoro. Relativamente à idade, a vitimação tem mais incidência nos jovens mais velhos, onde os relacionamentos implicam maior durabilidade, compromisso e seriedade. Já o pico de prevalência da vitimação nas relações de namoro parece estar associado à faixa etária dos adolescentes que frequentam o ensino secundário, pois nesta fase encontram-se particularmente suscetíveis à vivência de experiências abusivas nos relacionamentos, pelo facto de viverem neste período das suas vidas as primeiras relações de intimidade. Por último, a aceitação da violência baseia-se numa aceitação de atitudes favoráveis à utilização de comportamentos violentos nas relações de namoro e a adoção de crenças que a legitimam, apresentando-se como fatores de risco que potenciam o envolvimento em relações abusivas, propiciando a manutenção da vítima na relação abusiva e para a subsistência da violência no tempo. Com o decorrer do tempo os níveis de violência podem tornar-se mais agressivos para a vítima, ou seja, pode haver a existência de danos físicos e psicológicos mais severos. Para além dos fatores de risco individuais descritos, outros estão associados ao funcionamento psicológico e comportamental dos jovens, como comportamentos suicidas, sintomas depressivos, baixa autoestima (especialmente no género feminino), o envolvimento em condutas de risco (iniciação precoce da sexualidade, múltiplos parceiros sexuais e/ou relações desprotegidas), o consumo de substâncias (tabaco, álcool e/ou drogas) e comportamentos alimentares desajustados (maioritariamente no género feminino) como a ingestão de laxantes para regular o peso ou a indução do vómito (APAV, 2011).

Nos fatores de risco relacionais estão presentes o isolamento e o controlo da vítima. Algumas características numa relação de namoro constituem-se em indicadores de risco, começando por vezes de forma subtil no início da relação, tendo tendência a agravar-se ao longo do tempo, podendo ter repercussões muito negativas para a vítima, nomeadamente quando um elemento do casal tenta isolar socialmente o outro, privando-o de contactos e de interações sociais, havendo assim controlo de um elemento do casal por parte do outro. Há na relação uma assimetria de poder, o que significa que as decisões no relacionamento são tomadas unilateralmente. Maioritariamente são as raparigas que apresentam maiores níveis de tolerância, adotando uma postura de submissão perante o seu parceiro. Este aspeto pode ser explicado pela típica educação e socialização patriarcal, machista e tradicional em

relação aos papéis de gênero ainda vigentes na nossa sociedade, apresentando assim uma vulnerabilidade à vivência de relações abusivas por parte do gênero feminino. Outros fatores de risco relacionais, associados às relações de namoro, são a falta de experiência relacional, típica dos adolescentes que iniciam a sua vida amorosa, a instabilidade do relacionamento e a conflituosidade, as dificuldades de comunicação assertiva entre os jovens casais, a perpetração de condutas violentas contra o parceiro e a possibilidade de o relacionamento terminar (especialmente para o gênero feminino) (APAV, 2011).

Nos fatores de risco relacionais, a existência de histórias anteriores de perpetração e violência apresenta-se como um fator de risco de reincidência a aumento da gravidade da violência exercida no relacionamento, especialmente para o gênero masculino, bem como a existência do padrão abusivo em futuras relações amorosas (APAV, 2011)

A pressão dos pares refere-se ao funcionamento grupal, sendo que o envolvimento com pares desviantes que consomem substâncias ilícitas, álcool e/ou que violam as normas sociais e que iniciam condutas delinquentes, a perpetração de comportamentos agressivos contra os pares e a existência de pares envolvidos em relações abusivas, quer na perpetração e/ou vitimação, tornam-se fatores de risco para a exteriorização da violência em contexto de intimidade (APAV, 2011).

Outros fatores de risco relacionais são as características interpessoais dos jovens, que podem levar ao recurso da violência nos seus relacionamentos de intimidade, tais como a necessidade do uso do poder e controlo nas relações interpessoais (padrão mais comum no gênero masculino), o padrão marcado pela insegurança e desconfiança face aos outros, a dificuldade na gestão emocional da separação emocional e física e da rejeição e também as limitações nas competências de comunicação interpessoal e as dificuldades na resolução de problemas e conflitos relacionais (APAV, 2011).

A existência de violência na família do jovem, seja violência direta e pessoalmente experienciada, poderá aumentar o risco do jovem se envolver em relações violentas.

As crianças vítimas de maus-tratos apresentam uma maior probabilidade de passarem por problemas de dimensão emocional e social do que as crianças que nunca vivenciaram este fenómeno, uma vez que os maus-tratos influenciam o desenvolvimento da criança (Duarte, 2018). Na dimensão social, as crianças que sofreram maus-tratos revelam complicações em instaurar relações positivas e podem vir a assumir “comportamentos de isolamento ou dependência, evidenciam dificuldades em mostrar empatia ou preocupação pelos outros, assim como em aceitar regras sociais” (Sidrónio, 2014, p.33).

De acordo com Junqueira (1998, citado por Gomes, Deslandes, Veiga, Bhering e Santos, 2002), muitas crianças vítimas de maus-tratos futuramente acabam por se tornarem adultos agressores. Na perspectiva de Malinowsky-Rummel e Hansen (1993, citado por Sidrônio, 2014), a ocorrência de maus-tratos na infância é um fator que amplia a probabilidade de as crianças futuramente empregarem comportamentos de violência, delinquência e criminalidade, consumo de álcool e substâncias ilícitas, suicídio e automutilação.

A existência de agentes de stress na família, como problemas económicos, desemprego e a reduzida supervisão e envolvimento parental, o recurso a práticas educativas desadequadas e inconsistentes (punição física e/ou permissividade excessiva) assim como a ausência de afeto no seio familiar e uma vinculação frágil às figuras parentais estabelecida durante a infância, potenciam o risco (APAV, 2011).

Os fatores de risco sociais provêm da ausência de normas sociais claras relativamente às condutas socialmente aceites e os comportamentos condenáveis, bem como a ausência de ações punitivas decorrentes de atos abusivos contra o parceiro, da desvalorização do fenómeno da violência e da minimização do seu impacto, da ausência de informação contra a manifestação de violência nos relacionamentos e da socialização consoante os papéis e expectativas tradicionais de género (APAV, 2011).

Os fatores de risco comunitários podem advir da desorganização social da área de residência associada à pobreza e violência na comunidade e, também, à ausência de vinculação à escola e à vida escolar, ao absentismo escolar, ao baixo rendimento escolar e ao ambiente escolar marcado pela violência e exposição a condutas violentas (APAV, 2011).

2.7.1 Fatores Protetores

Os fatores protetores têm uma relação direta com os fatores de risco, no entanto os fatores protetores são aqueles que diminuem a probabilidade de alguém se tornar vítima ou agressor numa relação de namoro (Who, 2010). Os fatores protetores podem desempenhar efeitos compensatórios, entendendo-se por efeito compensatório aquele que “melhora diretamente uma condição problemática, isto é, baixa proporcionalmente as probabilidades de um resultado negativo para cada nível de uma condição de risco” (Ribeiro & Sani, 2009, p.404). Estes fatores permitem atrasar, suprimir ou até neutralizar os resultados negativos da violência (Ribeiro & Sani, 2009).

Assim, para além de conhecermos os fatores de risco é igualmente importante conhecer o diverso conjunto de fatores que funcionam como amortecedores contra os fatores de risco de vitimação ou

perpetuação da violência. Quando os fatores de proteção conseguem equilibrar ou anular os de risco, é menor a probabilidade de ocorrer uma situação crítica (Nascimento, 2019).

Neste sentido, para Ribeiro e Sani (2009) os fatores de proteção assentam em quatro categorias: familiares, individuais, escolares/de pares e comunitários. Dentro dos fatores de proteção familiares destacam a ligação que a criança/jovem tem com a família, a capacidade de discutir os problemas com os seus pais, as altas expectativas parentais face ao desempenho escolar, presença consciente dos pais nas rotinas diárias, prática de atividades partilhadas com os pais e por último, o seu envolvimento nas atividades sociais.

Em relação aos fatores de proteção individuais evidenciam a atitude intolerante que a criança/jovem tem face à violência, a sua resiliência, os bons resultados escolares, expectativas positivas/otimismo face ao futuro e a perceção que tem do apoio social de adultos e pares.

Nos fatores escolares/pares estão presentes o compromisso que a criança/jovem tem com a escola, a boa relação que mantém com os pares, a aprovação dos amigos por parte dos pais, e a sua motivação/atitude positiva que mantém relativamente à escola. Por último, encontram-se os fatores comunitários que enfatizam a coesão social da criança/jovem em comunidades economicamente estáveis e ambientes promotores de segurança e saúde.

3. Crenças e atitudes associadas à Violência no Namoro

Quando falamos acerca da violência nas relações de intimidade importa abordar as crenças e as atitudes que estão subjacentes a este fenómeno e que distorcem a realidade.

Os indivíduos adquirem estas crenças e atitudes ao longo da sua vida, com base na modelagem familiar e social, na observação e nos valores que estão intrínsecos na nossa sociedade, dificultando assim a sua denuncia e identificação.

Neste sentido Machado (2010) refere que as crenças emergem de interações humanas, sendo que o individuo influencia e é influenciado, toda esta dependência funciona como uma espécie de círculo, uma vez que acabamos por perceber o que está à nossa volta, não só do nosso ponto de vista, mas também do panorama dos outros.

A adolescência constitui-se como um momento crucial na etapa da vida do jovem, onde vai consolidar a sua perceção de violência, tendo em conta as suas crenças e o seu papel social na sociedade (Machado, 2010).

Vários estudos sobre esta temática referem que os adolescentes apresentam uma baixa concordância no que diz respeito à aceitação de atos violentos (Machado, Matos e Moreira, 2003, cit. in Caridade e Machado, 2006). Outros estudos indicam que os jovens recorrem à perpetração da violência, dado esta ser considerada uma prática “aceitável” (O’Keefe, 2005, cit. in Cristóvão, 2012).

Esta aceitação da violência é um dos principais fatores para a sua normalização, visto que atos violentos são percebidos pelos jovens como sendo normais. De acordo com Ventura, Frederico-Ferreira e Magalhães, 2013; Wolf, Wekerle e Scott, 1996, cit. in Caridade e Machado, 2006) as mulheres tendem a associar o ciúme ao amor, comparativamente aos homens que tendem a relacionar o ciúme como uma oportunidade para cometer atos violentos.

No mesmo seguimento Gomes, Fernando, Ribeiro, Oliveira e Duarte(2006) acrescentam que os atos violentos sobre as raparigas têm muitas vezes como base um conjunto de crenças associadas à inferioridade da mulher e legitimação da violência como estratégia de conflitos, pelo que a reestruturação cognitiva, confrontando o perpetrador com a irracionalidade patente nas suas crenças e provocando assim a substituição das mesmas por pensamentos racionais alternativos apresenta-se como uma estratégia fiável para a alteração desse mesmo sistema de crenças.

Deste modo, a “aceitação” da violência como algo normal e as crenças associadas ao amor dificultam a tomada de consciência por parte da população, sendo que se torna mais “comum” a sua banalização (Ventura, Frederico-Ferreira e Magalhães, 2013; Wolfe, Wekerle e Scott, 1996, cit. In Caridade e Machado, 2006).

Alguns estudos empíricos ajudaram a clarificar as crenças e atitudes legitimadoras da violência no namoro.

Um estudo realizado com estudantes universitários demonstra que 75% das raparigas que, em algum momento da sua vida, já foram vitimizadas, continuam na mesma relação, consentindo a consumação dos atos violentos (Black e Weisy, 2003, cit. In Caridade e Machado, 2006).

Segundo um estudo elaborado por Ribeiro e Sani (2008, cit in Ventura, Frederico-Ferreira e Magalhães, 2013) com adolescentes entre os 11-18 anos de idade, os fatores alusivos a uma maior desculpabilização da violência, numa ordem individual, eram as características da vítima, como a provocação por parte da vítima, e as causas externas ao agressor, como o consumo excessivo de álcool.

Desta forma, os homens tendem a atribuir os seus atos agressivos às atitudes das mulheres, como uma forma de desculpabilização e/ou justificação, minimizando, assim, a sua violência (Caridade e Machado, 2006).

Grande parte dos jovens que estão envolvidos, ou já estiveram envolvidos num relacionamento abusivo, não recorreram ao sistema judicial devido ao receio das repercussões que podem advir futuramente, como punições parentais, e a falta de confiança no sistema, no sentido de não acreditarem se o que vão relatar é sigiloso, ou até, se vão ser culpabilizados (Black e Weisy, 2003, cit. In Caridade e Machado, 2006).

Foi desenvolvido no âmbito do programa UNI+, promovido pela Associação Plano i, um Estudo Nacional sobre a Violência no Namoro no Ensino Superior. O estudo revela que entre janeiro e dezembro de 2020 o Observatório da Violência no Namoro registou 69 denúncias de casos de violência. O mesmo Estudo mostra que as vítimas são predominantemente mulheres, com uma orientação sexual heterossexual e uma média de idade de cerca de 24 anos e namorados das vítimas.

Foi nos distritos do Porto (31,9%), Lisboa (15,9%) e Braga (11,6%) onde se registaram mais denúncias, sendo as formas mais prevalentes de violência no namoro a verbal e emocional, seguidas do controlo e da violência psicológica. Em cerca de 26% dos casos as vítimas foram sujeitas a ameaças de morte e/ou tentativas de homicídio. O estudo indica que cerca de 20% das vítimas tiveram necessidade de receber tratamento médico na sequência da agressão sofrida e 12% estiveram em risco de vida. Contudo, em cerca de 75% dos casos as vítimas não apresentaram denúncia às autoridades competentes.

Os ciúmes e os problemas mentais das pessoas agressoras estão entre as causas mais apontadas para a prática da violência no namoro e 23,2% dos(as) estudantes afirmam já terem sido culpados(as),

criticados(as), insultados(as), difamados(as) ou acusados(as) sem razão e 20,5% afirmam já ter sofrido e praticado estes mesmos atos.

Os resultados do Estudo coordenado pela investigadora do CIEG Sofia Neves, reforçam a necessidade de continuar a investir em programas de prevenção e combate à violência no namoro nos estabelecimentos de Ensino Superior.

Como no ano anterior, foi desenvolvido um Estudo Nacional sobre a Violência no Namoro no Ensino superior: Crenças e Práticas, no âmbito do programa UNI+ 3.0 – Programa de Prevenção e Combate à Violência no Ensino Superior, promovido também pela Associação Plano i.

Neste estudo os resultados reportam a recolha de dados entre janeiro de 2020 e dezembro de 2021, este espaço temporal agrega também um período pré-pandemia, dois confinamentos nacionais e um período de retorno gradual à normalidade.

A amostra total foi constituída por 1322 participantes. 88% identificaram-se como mulheres, 11,6% como homens, 0,4% das pessoas participantes designaram-se como não binárias. A média geral das é de 22,46 anos, sendo que a média de idades das mulheres é de 22,12 anos e dos homens é de 23,41 anos.

O estudo Nacional sobre a Violência no Namoro no Ensino superior: Crenças e Práticas, conclui que: 53,1% dos/as participantes já foram sujeitos/as a, pelo menos, um ato de violência no namoro, 53,2% das vítimas são mulheres, 53,6 são homens e três são não binárias; 32,4% dos/as participantes já praticaram, pelo menos, um ato de violência no namoro, 32,2% das pessoas agressoras são mulheres, 34,6% são homens e duas são não binárias.

De acordo com o mesmo estudo a proporção da violência sofrida é superior nas mulheres em comparação com os homens. A violência psicológica é a mais prevalente nas relações de namoro, seguida da violência sexual e, por fim, da violência física. Destacam-se as seguintes estatísticas: 22,3% das mulheres e 20,3 % já foram culpadas/os, criticados/as, insultadas/os, difamadas/os e acusadas/os sem razão; 20,3% das mulheres e 11,1% dos homens já foram controladas/os na forma de vestir, no penteado ou na imagem, nos locais frequentados, nas amizades ou companhias; 17,8% das mulheres e 7,2% dos homens já foram ameaçadas/os verbalmente ou através de comportamentos que causem medo (gritar, partir objetos, rasgar a roupa); 14,1% das mulheres e 9,7% já foram impedidas/os de contactar com a família, amigos/as e ou vizinhos/as; 13,8% das mulheres e 15,7% dos homens já viram os seus pertences se autorização (roupa, bolsos, conta de email, perfil das redes sociais); 11,6% das mulheres e 6,5% dos homens já foram perseguidas/os; 8,1% das mulheres e 9,8% dos homens já foram magoadas/os fisicamente (empurrões, bofetadas, murros ou cabeçadas); 12,7% das mulheres e 7,2%

dos homens já foram obrigadas/os a ter comportamentos sexuais não desejados (ver pornografia, sexo oral, sexo anal ou ter relações sexuais com outras pessoas); 10,7% das mulheres e 3,3% dos homens já foram forçadas/os a ter relações sexuais; 4,5% das mulheres e 2,6% dos homens já sofrem de ameaça de morte, atentados contra a vida ou ferimentos que as/os obrigaram a receber tratamento médico.

De acordo com o mesmo estudo quem praticou violência no namoro apresenta crenças sobre as relações sociais de género mais conservadoras do que quem não praticou violência, e quem sofreu de violência no namoro apresenta crenças de género mais conservadoras do que quem não sofreu. Sendo que 21,6% dos participantes e 17,9% das participantes não concordam nem discordam com a afirmação: O ciúme é prova de amor; 30,7% dos participantes e 12% das participantes creem que algumas situações de violência doméstica são provocadas pelas mulheres e 22,2% dos participantes e 14,1% das participantes não concordam nem discordam; 18,3% dos participantes e 4,5% das participante não discordam da afirmação: Os homens têm mais competências do que as mulheres para cargos de liderança; 21,6% dos participantes e 7,8% das participantes não concordam nem discordam com a afirmação: É gratificante para as mulheres ouvir piropos; 8,8% das mulheres e 11,1% dos homens não concordam nem discordam com a afirmação: As mulheres que se mantêm em relações de intimidade violentas são masoquistas; 6,4% dos/as participantes não concordam nem discordam com a afirmação: A violência doméstica é um problema que deve ser resolvido em casa e 1,5% dos/as participantes concordam com esta afirmação. Apesar de os dados deste estudo terem sido recolhidos entre 2020 e 2021, não reportam obrigatoriamente casos de violência no namoro ocorridos neste período, pelo que não é possível extrapolar correlações entre o contexto pandémico e os resultados patentes no estudo. Neste estudo relativamente ao estudo anterior verificou-se um aumento significativo de respostas na região centro, invertendo a tendência de

sobre representação de estudantes da zona norte.

Em suma, torna-se importante analisar as crenças e atitudes dos indivíduos face à perpetração e/ou vitimação da violência, uma vez que esta varia de acordo com os contextos sociais, históricos e culturais (Caridade e Machado, 2006). Torna-se necessário, no âmbito da prevenção do fenómeno, que estas crenças e atitudes sejam desmitificadas e substituídas por outras mais adequadas, positivas, saudáveis e racionais. Desta forma, salienta-se a importância de as instituições de ensino deverem ser espaços privilegiados de desconstrução de visões que legitimam práticas violentas em contextos de intimidade, através da alteração de comportamentos e da criação de uma cultura institucional de tolerância zero à violência.

4. Consequências biopsicossociais da Violência no namoro

Embora a violência do namoro tenha um impacto negativo nos indivíduos, este não é igual para todos, pois depende de um conjunto de fatores que podem agravar ou atenuar os efeitos da violência (Caridade & Machado, 2008). De acordo com Oliveira (2011) estes fatores podem agravar ou atenuar as consequências da violência, como experiências de vitimação antecedentes, a frequência, duração e intensidade dos atos violentos, os tipos de comportamentos abusivos perpetuados e a relação de proximidade entre a vítima e o agressor.

Podemos encontrar diversas consequências associadas à violência no namoro: físicas, psicológicas e comportamentais, sexuais, reprodutivas e mortais (OMS, 2002).

As consequências físicas estão relacionadas com os maus tratos-físicos sofridos e ao stress que a vítima vivencia após os atos de violência (Araújo, 2013). Alguns exemplos das lesões físicas são: lesões abdominais, fraturas, diminuição das capacidades físicas, hemorragias ou hematomas, transtornos gastrointestinais e lesões genitais (Lisboa, Vicente & Barroso, 2005, citado por Afonso, 2010).

Já as consequências mais difíceis de serem notadas e as mais difíceis de ultrapassar são as psicológicas e comportamentais, pelo facto de a violência ser exercida diariamente sob a forma de ameaça (Araújo, 20013). Dentro das consequências físicas e comportamentais encontramos o abuso de álcool e drogas, depressão, crises de ansiedade, crises de pânico, claustrofobia, fadiga, sentimentos de culpa, baixa autoestima, comportamentos suicidas, distúrbios de stress pós-traumático e controlo de peso inadequados (Shirpway, 2004, citado por Afonso, 2010, Oliveira, 2011).

Nas consequências a nível sexual e reprodutivo encontramos os distúrbios ginecológicos, infertilidade, aborto espontâneo, problemas na gravidez, disfunção sexual, gravidez indesejada e doenças sexualmente transmissíveis.

Por último as consequências mortais são consequência da transmissão do Vírus da Imunodeficiência Humana (VIH) / Síndrome da Imunodeficiência Adquirida (SIDA), homicídio e suicídio (Krug et al., 2002).

Resumindo, quanto mais grave é a violência, maior é o impacto que causa na saúde física e mental da vítima ((Krug et al., 2002).

4.1. A Violência no namoro e a influência dos pares, pais e normas sociais

A violência no namoro é um fenómeno com raízes sociais e culturais, que está assente em atitudes e crenças e é influenciado pelo meio, pela família, pelos pares e pelas normas sociais, podendo esta ser uma influência negativa ou positiva.

A violência entre os pares acontece com mais frequência na adolescência do que nas restantes etapas da vida do individuo (UNICEF, 2011). De acordo com a APAV (2011) é importante destacar que grande parte dos relacionamentos na adolescência surge dentro do grupo de pares, sendo esta a fase da vida em que surgem as primeiras aproximações íntimas, dando origem às primeiras experiências amorosas. Já Saavedra (2010) refere que as relações entre pares podem constituir um fator de desenvolvimento de comportamentos de risco, pois muita da informação que partilham entre si é errada, pouco precisa, podendo ser legitimadora ou minimizadora da violência. Assim sendo, é importante refletir acerca da influência que os pares exercem nesta faixa etária, em especial nas idades mais jovens. A vivência amorosa acontece no contexto nestes grupos, sendo que desta forma os traços comportamentais são fortemente mediados pelas práticas observadas no contexto grupal, em interação com as aprendizagens provenientes da vivência familiar e das que são veiculadas através dos meios de comunicação social (DGS, 2016).

Um estudo realizado por Leen et al. (2013) mostrou que as raparigas têm mais comportamentos violentos nas relações de namoro quando têm amigos/as vítimas ou agressores/as nas relações de namoro. Tanto as raparigas como os rapazes são influenciados/as pelos grupos de pares no que diz respeito aos comportamentos agressivos no namoro, no entanto as raparigas tendencialmente são mais facilmente influenciadas pelos/as amigos/as. Além do mais, segundo Oslen et al., (2010), os/as adolescentes apresentam uma maior propensão para escolher grupos de pares com origens idênticas às suas, podendo escolher grupos de pares violentos, podendo à posteriori terem tendência para ser violentos nos seus relacionamentos violentos.

Na adolescência as influências dos pares são contrariadas pelas influências parentais (Leen et al., 2013), sendo que, a seguir aos pais, tornam-se modelos de comportamentos, dado constituírem importantes transmissores de normas e valores sociais e serem modelos de comportamentos relevantes para a interação social dos adolescentes (Kingsfogel & Grych, 2004 citado em Pinto, 2011). Todavia, os pares também podem representar um fator promotor do desenvolvimento e envolvimento em comportamentos saudáveis, dado que os relacionamentos positivos entre pares fornecem estruturas relacionais fundamentais para as relações de maior intimidade (Wolfe, Jaffe & Crooks, 2006, citado em Saavedra, 2010). Desta forma, a influência positiva dos pares na estimulação de comportamentos

saudáveis nas relações de intimidade, tem sido um fator relevante nos programas preventivos. Assim sendo, a importância que o grupo de pares representa na adolescência assenta no facto de os jovens procurarem a validação dos seus pares quando iniciam a sua vida afetiva e começam a explorar a intimidade dos seus relacionamentos. Deste modo, os/as amigos/as mais próximos/as podem influenciar o namoro dos adolescentes, de forma positiva ou negativa, razão pela qual discutir sobre pressão e a cultura dos pares na formação e manutenção de relações íntimas dos adolescentes torna-se fundamental (Leff, 2004 citado em Santos & Murta, 2016).

Além dos pares, a família também é uma influência relevante na violência no namoro entre os jovens. De acordo com Malik et al. (1997), além da violência a que estão sujeitos na comunidade, os/as jovens, também se confrontam com a violência em casa e nas relações íntimas. Deste modo, é relevante a identificação dos fatores de risco nos diversos contextos onde os/as adolescentes estão inseridos/as, não querendo dizer que todas as crianças ou adolescentes que foram expostos/as à violência se tornem presumíveis agressores/as ou vítimas (Franklin & Kercher, 2012).

De acordo com a OMS (1997), a violência contra as mulheres pode ter consequências de geração em geração. Os rapazes que crescem a observar as mães a serem vítimas de violência por parte do seu companheiro têm uma maior probabilidade de se tornarem agressores nas relações de intimidade. Já as raparigas que testemunham essa violência e a submissão das mães perante os companheiros, têm uma maior probabilidade em tornarem-se vítimas nas suas relações de intimidade. Assim, a violência tende a replicar-se de geração em geração. Neste seguimento, Oliveira e Sani (2009) dizem-nos que a observação de comportamentos violentos está relacionada com a transmissão desses comportamentos, havendo uma herança de violência.

As crianças que crescem e são expostas a violência intrafamiliar têm tendência a normalizar os comportamentos violentos, pois, para elas, estes comportamentos são normativos. Ou seja, os indivíduos que vivenciam comportamentos violentos tendem a ser também eles violentos.

Portanto, os comportamentos violentos apreendidos no seio familiar pelos/as adolescentes são reproduzidos nas suas relações de intimidade. Segundo Oliveira & Sani (2009, p. 164) “Os adolescentes tornam-se, assim, transmissores culturais dessa conduta, que gera para si mesmos, conflitos interpessoais e risco de se tornarem tanto agressores quanto vítimas, com a possibilidade de perpetuar a violência intergeracional”.

Malik et al. (1997) elaboraram um estudo que se baseia na teoria da aprendizagem social, onde se explica que os comportamentos são encarados como uma aprendizagem realizada através do comportamento de outras pessoas, através das pessoas mais próximas, podendo estas ser a família, o

grupo de pares ou gangues. De acordo com estes autores, a exposição à violência na comunidade também lhes dá a entender que são formas legítimas de solucionar conflitos. Assim, as características sociodemográficas também são identificadas neste estudo como fatores que influenciam a exposição à violência.

No mesmo estudo, mais de metade dos inquiridos revelou ter presenciado violência entre os pais, sendo que a exposição à violência na comunidade é superior. Deste modo, um grande fator de risco para os adolescentes é a exposição a diversos tipos de violência, quer na comunidade, na família, quer nas relações de namoro, seja como vítimas ou como agressores. Neste estudo também se verificou que estar exposto à violência familiar aumenta as probabilidades de violência na comunidade e no namoro. Estar exposto a um contexto de violência influencia os outros contextos, seja para vítimas ou para agressores. De acordo com os autores deste estudo os rapazes tinham mais predisposição para serem as vítimas e os agressores da violência na comunidade, e as raparigas tinham mais tendência a cometer violência no namoro comparativamente aos rapazes. Quanto à exposição à violência familiar, os rapazes eram mais afetados que as raparigas, por outro lado as raparigas eram mais afetadas pelo abuso.

A forma como os adolescentes vêem a violência é influenciada pelos amigos, família, comunidade, escola e media (Mpiana, 2011). O mesmo autor verificou que se estes grupos incutirem nas raparigas que a violência que é praticada sobre elas é normal, então é aceite por elas. Assim sendo, é necessário capacitar as adolescentes e educá-las para os seus direitos, revelando relacionamentos violentos e denunciando-os (Mpiana, 2011).

De acordo com o estudo de Frankelin e Kercher (2012, p. 197) “(...) as crianças que experimentam formas de castigo físico podem ser especialmente vulneráveis e internalizar a eficácia da violência como meio de influência e gestão de conflitos nos relacionamentos íntimos”.

Os mesmos autores verificaram que presenciar a violência entre os pais na infância aumenta as probabilidades de um adulto exercer violência psicológica e ser vítima de castigos físicos na infância aumenta as probabilidades de sofrer de abuso psicológico na idade adulta.

Além dos pares e da família, as relações de namoro precoces também podem ser influenciadas pelo contexto sociocultural e comunitário dos adolescentes (Connolly, Craig, Goldberg, & Pepler, 2004 citado em Gonçalves, 2014). Para que possamos compreender esta influência vamos-nos socorrer de uma perspetiva feminista, levando esta também em conta fatores socioculturais, normas políticas, culturais e sociais que vigoram em determinados períodos históricos. De acordo com esta perspetiva, a violência decorre de um conjunto valores patriarcais que se foram consolidando de diversas formas e em vários níveis: macrossocial (sistema legal, instituições e estruturas sociais); intergeracional (valores

patriarcais transmitidos de geração em geração); cultural (destacando-se o papel dos media na reprodução e reforço dos valores patriarcais); e individual (o individuo incorpora os valores patriarcais, reproduzindo-os) (Marin & Rizzo, 2000 citado em Nascimento, 2019). Neste seguimento Ribeiro e Sani (2008), o flagelo da violência também se encontra ligado às representações sociais, pois estas condicionam positivamente ou negativamente a percepção e a aceitação da violência. Ou seja, é entre a variedade de conhecimentos adquiridos através dos processos de socialização que se destacam os papéis e as normas que os indivíduos assimilam e incorporam nas suas próprias condições (Espinar-Ruiz, 2007). É assim que a sociedade vai esperando e estereotipando os comportamentos dos homens e das mulheres. A APAV (2011) reforça esta ideia referindo que a socialização das crianças e adolescentes segundo os papéis e expectativas convencionais de género associado ao sexo biológico aumentam o risco de envolvimento e manutenção em relações abusivas.

A fase da adolescência é fulcral para a interiorização de mensagens transmitidas, seja pela família ou pelos grupos sociais em que os adolescentes estão inseridos, sendo que muitas vezes estes grupos utilizam mensagens que abordam as diferenças de género, valorizando o poder patriarcal, contribuindo para a violência nas relações de intimidade juvenis (Machado, 2010). A definição de patriarcado assenta na representação da masculinidade assumida, do poder do homem face à mulher.

Na perspetiva de Campos e Guimarães (2007), as mudanças culturais, as transformações do sistema de valores e as relações sociais traduzem-se numa disposição cultural onde se consideram os fenómenos de violência como naturais, comuns ou banais. Ou seja, a banalização da violência é caracterizada pela legitimação da agressão como meio de resolver conflitos ou problemas. Neste sentido, Gonçalves (2014) refere que as normas sociais também influenciam os comportamentos dos jovens nas relações de namoro, através da tolerância, justificação ou não da violência. A ausência de punição social e legal das condutas abusivas no âmbito dos relacionamentos de namoro, bem como a escassez de informação sobre as condutas adequadas e inadequadas no contexto das relações interpessoais, passam mensagens contraditórias aos adolescentes acerca da sua regulação comportamental.

5. A importância dos projetos de prevenção

Os resultados dos estudos realizados são preocupantes, exigindo uma intervenção eficaz na prevenção da violência no namoro. Contudo, as estratégias de prevenção devem considerar o problema da violência no namoro como parte integrante de um espaço público e não privado, sublinhando a sua posição como um problema de âmbito social (DGS, 2003).

Diversos especialistas apontam que a educação é a melhor forma de prevenção, especialmente através de programas de intervenção que permitem aceder a um grande número de jovens e disseminar estratégias adequadas de resolução de problemas, sem recurso à violência (Matos, Machado, Caridade & Silva, 2006).

Desta forma, os programas de educação focalizados nos jovens estudantes são uma estratégia crucial na prevenção da violência em diversos contextos, podendo abranger temas diferentes, como é o caso dos direitos humanos, estereótipos de género, princípios de igualdade, capacidade de comunicação e manutenção de relações. Salientamos que a intervenção em jovens é fundamental, pois é na adolescência que surgem as primeiras relações reforçando a importância da desconstrução de crenças que legitimam os comportamentos violentos, sensibilizando os jovens para a utilização de comportamentos não violentos nas suas relações de intimidade (DGS, 2003; Mendes & Cláudio, 2010).

A intervenção educativa é essencial, pois a adolescência é uma fase de transição entre a infância e a fase adulta, caracterizando-se por um conjunto de mudanças físicas e biológicas, emocionais, psicológicas e sociais, que podem influenciar a saúde do adolescente a todos os níveis. A partilha das emoções e dos sentimentos nos processos de interação nem sempre é uma tarefa fácil para os adolescentes, o que associado a experiências marcantes, como é o caso da violência no namoro, assume particular relevância ao nível do processo de transição (Meleis, 2010).

Neste sentido, o trabalho educativo é fulcral, no sentido de fornecer aos adolescentes competências necessárias para a realização de escolhas corretas e tomadas de decisão benéficas, nomeadamente competências de assertividade, empoderamento e promoção de autoestima que os ajude a ultrapassar, não apenas as suas dificuldades de serem adolescentes, mas também as situações de maior risco de vitimização (Davies, 2010).

Posto isto, a escola apresenta-se como um espaço importante de socialização dos jovens, bem como o local privilegiado para o aparecimento e sinalização de comportamentos violentos.

A prevenção surge então como foco principal, no que diz respeito à abordagem a adotar perante este problema. Diversos autores já defendem que os objetivos passarão por aumentar a capacidade individual e institucional para a prevenção da violência, bem como a prestação de serviços a vítimas e

perpetradores e também a recolha de dados e pesquisa sobre violência, o que irá possibilitar uma implementação de estratégias de prevenção baseadas em evidência empírica. A base de um melhoramento nesta problemática passa, obrigatoriamente, pela sensibilização desde a mais tenra idade. Neste sentido, é essencial trabalhar junto das escolas a questão do respeito e do relacionamento interpessoal saudável. Torna-se fulcral trabalhar competências de base com os jovens, essenciais para que estes sejam capazes de estabelecer relações saudáveis entre si.

Existem diferentes formas de intervenção que podem ser utilizadas para a prevenção da violência nas relações de intimidade, como a inclusão no currículo de programas de prevenção da violência, que favoreçam o impacto no conhecimento e, por conseguinte, na procura de ajuda pelos jovens, contribuindo para a intervenção precoce na diminuição de condutas violentas (Coelho & Machado, 2010).

A escola, é um importante espaço de aprendizagem e do desenvolvimento de atividades educativas que contribuem para a promoção e educação para a saúde, fortalecendo formas de vida saudáveis nos estudantes.

Nesta linha de pensamento Roehrs et al.,(2010) reforçam que a escola deve ser um espaço de promoção de saúde física, emocional e psicológica, proporcionando um ambiente seguro, de apoio e de desenvolvimento com incentivo à responsabilidade, cidadania e promoção de hábitos de vida saudáveis e de comportamentos relacionais adequados e ajustados.

Assim, a aplicação e o planeamento de programas de intervenção surgem da necessidade de agir através de estratégias eficazes na sensibilização sobre a importância da utilização de comportamentos saudáveis nas relações de namoro e que ajudem no esclarecimento e desconstrução de mitos, crenças e estereótipos de género (Jardim & Pereira, 2006) .

Definida na competência c) definida no Regulamento n.º 128/2011 de 18 de fevereiro – Integra a coordenação dos Programas de Saúde de âmbito comunitário na consecução dos objetivos do Plano Nacional de Saúde Escolar a DGS (2006, p.16) refere que:

Na escola, o trabalho de promoção da saúde com os alunos tem como ponto de partida o que eles sabem e o que eles podem fazer para se proteger, desenvolvendo, em cada um, a capacidade de interpretar o real e atuar de modo a induzir atitudes e/ou comportamentos adequados. Neste processo os alicerces são as forças de cada um, no desenvolvimento da autonomia e de competência para o exercício pleno da cidadania.

Diversos estudos têm mostrado a importância da aplicação de programas de prevenção da violência no namoro, na mudança de atitudes e na alteração de crenças que legitimam a violência (Caridade & Machado, 2008). Ou seja, as intervenções que assentam na divulgação de informação aos adolescentes relativamente às consequências da violência nas relações de intimidade mostram que estas intervenções

conduzem a uma maior reflexão, por parte dos adolescentes, sobre os comportamentos violentos (Sebastião, Alexandre, & Ferreira, 2010).

No entanto, é importante que as escolas tenham em atenção que cada adolescente vivencia, de forma diferente esta fase de desenvolvimento, apresentando variações da sua cultura, classe social, sexo e idade, assim como em função das trajetórias de desenvolvimento que vão tendo ao longo da sua vida (Tomey & Alligood, 2002). Deste modo, salientamos a importância de que as intervenções não devem ser padronizadas, isto é, cada intervenção deve ser adequada a cada escola e a cada turma, pois mesmo turmas de uma mesma escola podem ter características diferentes, necessitando assim de uma intervenção diferenciada.

Outro aspeto muito importante, é que ao trabalharmos com os adolescentes iremos estar a intervir não apenas com os estudantes, mas com toda a comunidade escolar, professores, funcionários e família, sendo este um aspeto muito positivo, pois o impacto que conseguimos alcançar será maior.

Esta necessidade de participação coletiva sublinha a importância de as organizações que trabalham estas temáticas, e que têm programas de sensibilização e prevenção específicos sobre a violência no namoro para intervirem com adolescentes e jovens, como é o caso da ADDHG - Associação de Defesa dos Direitos Humanos de Guimarães, atuarem de forma mais constante e consciente em meio escolar.

De acordo com Matos et al. (2006), no contexto da violência no namoro, os esforços preventivos deverão ser a nível primário, ou seja, trabalhar com indivíduos que não tiveram ainda contacto com realidades violentas ou experiências de vitimização, mantendo esta condição. A nível secundário, a prevenção deverá ocorrer especificamente com indivíduos em que existe o risco de se tornarem vítimas ou agressores nas suas relações de intimidade. Por último, a prevenção terciária deverá trabalhar com indivíduos que já foram alvo de violência no namoro e que procuram alterar esta condição.

Ou seja, a prevenção num nível primário é universal, dirigida a todos os alunos, adolescentes e indivíduos que não tenham contacto com a violência e pretende-se que assim se mantenham. Esta intervenção deve basear-se em informações para a conscientização de uma relação saudável e não saudável, da gestão de conflitos de forma não violenta e assertiva, bem como empoderar os indivíduos através da inteligência emocional. Já a prevenção secundária dirige-se a grupos específicos, a jovens que possam vir a ser vítimas ou agressores, sendo deste modo uma prevenção seletiva. Em relação à prevenção terciária, esta é direcionada a vítimas e a agressores e pretende mudar pensamentos e comportamentos individualmente para diminuir o risco de incidência. Como é na adolescência que se inicia a aceitação de comportamentos violentos, é fundamental atuar nesta faixa etária, antes de os jovens iniciarem as suas relações de intimidade. Para Leitão (2013), a informação, sensibilização e

educação das populações jovens são considerados mecanismos que podem proporcionar o *empowerment*, ou seja, o fortalecimento de práticas auto-positivas e de recursos individuais, essencialmente nos jovens mais vulneráveis à violência. Conseguindo assim, através da implementação de programas de intervenção adotar metodologias que sejam eficazes na compreensão do flagelo da violência nas relações de intimidade, promovendo a clarificação e a desconstrução de crenças, mitos e estereótipos de género.

5.1. O Papel das organizações do terceiro setor na prevenção da violência no namoro

Importa refletir sobre o importante papel que as organizações do terceiro setor têm na implementação de programas e projetos de intervenção escolar nas temáticas da violência no namoro / violência de género. Estas organizações, como é o caso da ADDHG – associação de Defesa dos Direitos Humanos de Guimarães, e contando na sua equipa técnicos especializados, nas áreas da violência doméstica, educação, psicologia, criminologia e direito, podem intervir na prevenção primária, prevenção secundária e prevenção terciária.

Ao longo do tempo já foram implementados diversos programas de intervenção. Wekerle & Wolfe, 1999, citado por Saavedra, Martins & Machado (2013, p.116) referem que é fulcral começar a intervir na adolescência porque os padrões de agressividade ainda não estão desenvolvidos e, portanto, torna-se mais fácil fortalecer uma resolução de conflitos mais saudável. Estes autores afirmam ainda que é fundamental investir nos jovens, promovendo a sua participação e avançar com projetos que respeitem as normas estabelecidas, mas que as desafiem ao mesmo tempo, com o objetivo de acabar com os estereótipos que ainda existem na sociedade.

Alguns dos programas de prevenção já implementados são considerados eficazes e têm mostrado resultados positivos. Programas como: *Skills for Violence-Free Relationships Project*, *Youth Relationships Project*, *Safe Dates* e *The Fourth R*, têm como base sessões didáticas, atividades escolares e envolvem a participação dos professores, dos pais e da comunidade (Caridade, Saavedra & Machado, 2012).

O programa *Skills for Violence-Free Relationships Project* tinha como objetivo a prevenção das relações de intimidade. No entanto, foi implementado nas escolas com alunos entre os 13 e os 18 anos, e os resultados finais não foram positivos, pois não registaram mudanças significativas nas atitudes dos alunos afetos ao projeto (Avery-Leaf, Cascardi, O'Leary & Cano. 1997, citado por Caridade, Saavedra & Machado, 2012).

O segundo programa, o *Youth Relationships Project*, é um programa que tem como destinatários jovens que tenham vivenciado algum tipo de violência e tem como objetivos: aumentar o conhecimento

dos jovens acerca das dinâmicas de abuso nos relacionamentos de intimidade; promover o aumento de competências de comunicação e resolução de problemas; aumentar o nível de consciência acerca das crenças que contribuem para a ocorrência de violência e acerca do impacto que a violência poderá ter; e desenvolver competências de procura de ajuda formal ou informal (Wolfe, Wekerle, Scott, Straatmen, Grasley, & Reitzeljaffe, 2003, citado por Caridade, Saavedra & Machado, 2012).

Já o programa *Safe Dates* é implementado em contexto de sala de aula e é composto por 10 sessões, um concurso de cartazes e por uma sessão de teatro, tendo como destinatários alunos que frequentem o 8.º e o 9.º ano (Foshee & Reyes, 2009, citado por Caridade, Saavedra & Machado, 2012). Este programa apresenta com objetivo a prevenção de situações de vitimização e perpetração presentes numa relação de namoro dos jovens. Contudo, os alunos participantes no programa não têm tendência a adotar comportamentos violentos contra o/a parceiro/a.

Por último o programa *The Fourth R* é desenvolvido com jovens que têm características e idades diferentes, é aplicado na sala de aula e tem como objetivos prevenir comportamentos de violência entre os jovens, comportamentos sexuais de risco e consumo e abuso de substâncias (Caridade, Saavedra & Machado, 2012). Este programa foi implementado em Portugal, passando a denominar-se Programa 4D, passando a integrar mais uma variável, a igualdade de género (Saavedra, Martins & Machado, 2013).

Para a sua tese de doutoramento, Saavedra (2010) realizou um estudo onde utilizou o Projeto 4D e questionários online, tendo como objetivo avaliar o impacto do programa de informação e sensibilização sobre a violência no namoro. Este programa foi aplicado em 15 escolas portuguesas, envolvendo 578 alunos e consistia na realização de 2 sessões de 90 minutos cada, agendadas com um intervalo de duas semanas. Para a sua implementação foram utilizadas técnicas como: apresentações em *power-point*, debates em grupo, elaboração por parte dos alunos de materiais de informação para a prevenção da violência no namoro. No final do programa de informação e sensibilização, com base nos resultados, Saavedra (2010) concluiu que este produziu efeito nos jovens nomeadamente na diminuição da tolerância destes face a comportamentos abusivos nas relações de namoro, embora os rapazes apresentem níveis maiores de tolerância sobre a violência nas relações de intimidades, quer esta seja perpetrada por raparigas ou por rapazes. No que diz respeito à mudança de comportamentos abusivos, o resultado não foi positivo, dado que não houve alterações significativas, pois o programa foi breve e informativo, podendo em programas futuros as sessões serem mais longas e mais práticas de forma a atingir resultados mais positivos.

Também Foshee et al. (2004, citado por Fernandes, 2013, p.16) reportaram resultados positivos no seu programa “uma vez que após a análise feita durante quatro anos consecutivos após a aplicação

do programa, os jovens reportavam menor violência física, sexual e emocional, tanto na perpetração como na vitimização”.

No seu estudo Matos, Machado, Caridade & Silva (2006) concluíram que as ações preventivas efetuadas tiveram impacto na mudança das crenças dos alunos, passando estes a ter uma menor tolerância à violência no namoro.

A ADDHG-Associação de Defesa dos Direitos de Guimarães realizou um trabalho de prevenção primária da violência doméstica, numa Escola EB2,3 no concelho de Guimarães intitulado “Promover a prevenção da violência doméstica pela mediação familiar”. O projeto envolveu os alunos de cinco turmas do 9º ano de uma escola EB2,3, um total de 106 participantes, 47 alunos do género feminino e 59 do género masculino. Os alunos tinham idades compreendidas entre os 14 e os 16 anos.

No final do projeto a ADDHG considerou que os objetivos do projeto foram cumpridos de forma muito satisfatória, uma vez que conseguiu identificar estereótipos e comportamentos de risco presentes nas relações de intimidade; promoveram atitudes mais informadas em relação ao fenómeno da violência doméstica nas suas dimensões física, psicológica e sexual; e sensibilizaram os/as adolescentes para a problemática da violência doméstica, através das atividades realizadas. Outro ponto fulcral foi a sensibilização relativamente aos sinais de alerta, o impacto na vítima, os tipos de violência e formas de controlo; o incentivo ao apoio da vítima e a denúncia de situações de abuso. No entanto, no início do projeto, os alunos consideravam alguns comportamentos abusivos nas relações de intimidade como sendo normais. Este aspeto vem reforçar a necessidade de um cuidado educativo, no sentido de os capacitar com competências adequadas às escolhas corretas, nomeadamente competências de assertividade, empoderamento e promoção da autoestima. Muitos dos comportamentos violentos na adolescência podem-se tornar como normais e com a existência de um agravamento no decorrer do tempo, podendo ser replicados também na vida adulta. Nesta perspetiva, Silva (2017, p.72) alerta para o seguinte: “determinadas atitudes violentas, ao serem legitimadas numa relação de namoro, tenderão a reforçar comportamentos violentos com consequências cada vez mais severas”. É urgente manter uma intervenção a título de prevenção nas escolas, capacitando os jovens para a adoção de atitudes positivas perante os conflitos nas relações de intimidade e melhorando os seus conhecimentos a nível da prevenção das situações de violência e promoção de relações saudáveis. Foram os próprios jovens a considerar que esta abordagem contribuiu para a reflexão e mudança de atitudes perante as situações de violência, sendo crucial que se continue a apostar nesta área.

6. Metodologia

6.1. Objetivos

Sob a responsabilidade da Associação de Defesa dos Direitos Humanos de Guimarães ADDHG, o estudo incide sobre as crenças e as práticas da violência no namoro a partir da ótica dos/as estudantes do ensino secundário do concelho de Guimarães, independentemente de terem sido ou não vítimas deste crime.

Afigura-se como principal problemática desta investigação os comportamentos abusivos existentes nas relações de intimidade entre os adolescentes.

Como já foi referido, a problemática da violência no namoro carece ainda de investigação, pois é algo relativamente recente, principalmente no que diz respeito à realidade portuguesa (Caridade & Machado, 2006; Ferreira, 2011, s.p.).

Neste sentido o presente projeto de investigação surgiu com o propósito de analisar as crenças e as práticas da violência no namoro a partir da ótica dos/as estudantes que frequentam o ensino Secundário no Concelho de Guimarães. Neste seguimento, foram enumerados alguns objetivos pelos quais o presente estudo foi orientado:

Objetivo geral:

- Analisar a violência, comportamentos e atitudes que legitimam essa mesma violência no ensino secundário do concelho de Guimarães;

Objetivos específicos:

- Descrever a prevalência de vítimas de violência nos relacionamentos íntimos no ensino secundário do concelho de Guimarães;

- Descrever o conhecimento e a autoperceção dos estudantes face a esta problemática;

- Identificar um modelo explicativo da violência no namoro (estratégias de resolução de conflitos abusivas e não abusivas), dos comportamentos de violência e das atitudes de violência no namoro (violência psicológica, física e sexual).

6.2. Tipo de estudo

Tendo em consideração os objetivos traçados para o presente projeto, optamos por efetuar um estudo simultaneamente descritivo, analítico e transversal, com uma abordagem quantitativa (Pais, 2010, p. 164). Um estudo descritivo “consiste em descrever simplesmente um fenómeno ou um conceito relativo a uma população, de maneira a estabelecer as características dessa população” (Pais, 2010, p.

164). Sendo que, um estudo analítico tem como objetivo analisar, explorar, determinar, descrever e interpretar os fatores determinantes que eventualmente possam encontrar-se associados ao fenómeno em estudo numa determinada população e num determinado período de tempo (idem).

A abordagem quantitativa tem como objetivo explicar, prever e controlar os fenómenos procurando regularidades e leis, através da objetividade dos procedimentos e da quantificação das medidas. Tem como principais objetivos, descrever a distinção das entidades pelos diversos valores das variáveis e/ou descrever ou examinar relações entre variáveis (Almeida & Freire, 2010, s.p.).

Para a realização da investigação empírica foi realizado um questionário estruturado com questões fechadas. Neste enquadramento a investigadora recorreu à técnica do inquérito por questionário, almejando recolher o máximo de informações possíveis para que os objetivos supra descritos fossem dotados de maior cientificidade.

A técnica de inquérito por questionário contém um conjunto de processos que variam desde a estrutura das perguntas, fechadas e/ou abertas, se possível em escala de Likert, à utilização de uma linguagem, que se pretende clara e concisa, para posterior análise de conteúdo.

A população do estudo a realizar diz respeito aos alunos do ensino secundário do concelho de Guimarães, das escolas do ensino regular e das escolas profissionais.

Os procedimentos formais da presente investigação iniciaram-se com a solicitação de autorização às escolas participantes (Anexo I). Após a autorização para prosseguir com o estudo e as escolas escolherem as turmas que iriam participar, foram solicitadas autorizações aos Encarregados de Educação, dos alunos menores de 18 anos, para a participação dos seus educandos na investigação (Anexo II), bem como a solicitação do consentimento informado dos alunos maiores de 18 anos (Anexo III).

Após concedidas as autorizações, a recolha de dados ocorreu num período de 11 dias, entre os dias 14 e 25 de junho de 2021. A recolha de dados foi realizada em formato online e de autopreenchimento, de carácter anónimo.

6.3. Instrumentos

A primeira parte deste estudo foi baseada no Inventário de Conflitos nas Relações de Namoro entre adolescentes, adaptado do Conflict in Adolescent Dating Relationships Inventory (CADRI) (Versão

original: Wolfe, Scott, Straatman, Grasley, & Reitzel-Jaffe, 2001; Adaptação Portuguesa: R. Saavedra, C. Machado, C. Martins, & D. Vieira, 2008).

Na sua essência, corresponde a um questionário de autorrelato constituído por 70 itens que permitem avaliar a utilização de estratégias de resolução de conflitos positivas (ou não abusivas) e negativas (ou abusivas) nos relacionamentos de namoro entre adolescentes. O questionário procura aferir a ocorrência de formas específicas de abuso, como o comportamento ameaçador, o abuso relacional, o abuso físico, o abuso sexual e o abuso emocional ou verbal.

Em anexo encontra-se o questionário em análise (anexo IV).

7. Análise e discussão de resultados

O presente documento apresenta a análise estatística do questionário sobre a violência do namoro distribuído em escolas secundárias do concelho de Guimarães. Após a recolha de todos os questionários os dados foram introduzidos no *Statistical Package for the Social Sciences*® (IBM® SPSS).

7.1. Participantes

A amostra tem a dimensão de 216 adolescentes, de ambos os sexos, de escolas secundárias do concelho de Guimarães. Sendo que os critérios de inclusão foram os seguintes (a) frequência no ensino secundário nas escolas do concelho de Guimarães; (b) terem autorização de participação por parte dos encarregados de educação. Destes 216 adolescentes, 117 atualmente namoram ou já namoraram, 52 nunca namoraram e, por fim, 47 respondentes têm ou tiveram uma relação com alguém – “saem ou saíram” com alguém - apesar de não existir um compromisso de namoro.

Do total da amostra, apenas 117 adolescentes namoravam ou já tinham namorado, cumprindo o critério para o preenchimento do inventário. De acordo com a Figura 3, cerca de 82% dos estudantes que namoram ou já namoraram, iniciaram o seu relacionamento entre os 13 e os 16 anos.

Figura 3. Situação de relacionamento

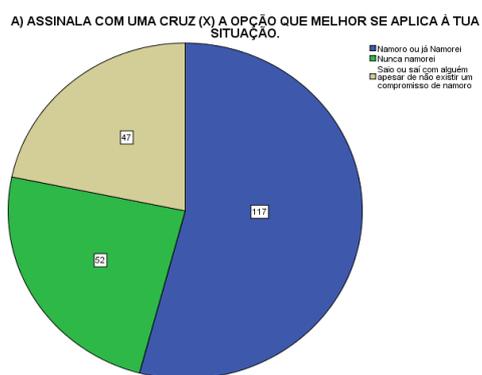
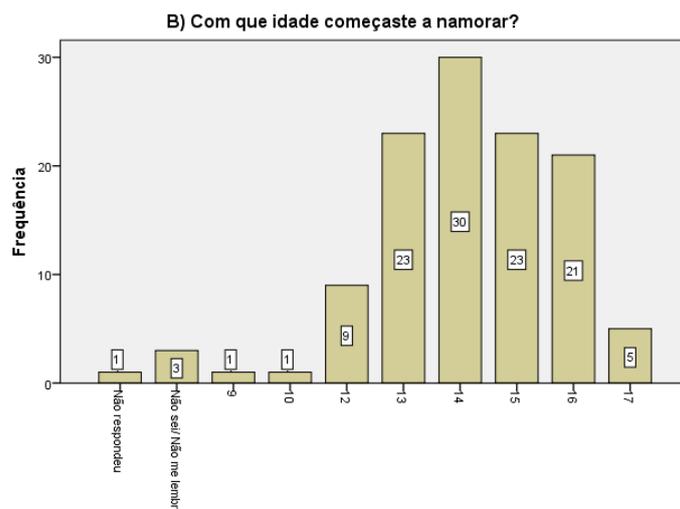


Tabela 1. Situação de relacionamento

	Frequência	Porcentagem
Namoro ou já namorei	117	54.2
Nunca namorei	52	24.1
Saio ou saí com alguém apesar de não existir um compromisso de namoro	47	21.8
Total	216	100.0

Figura 4. Com que idade começaste a namorar?



7.2. Análise dos comportamentos

Para facilitar a apresentação e análise de resultados, os comportamentos realizados pelo próprio sujeito, abusivos ou não abusivos, foram organizados numa componente designada **“Comportamentos do Próprio”**. Relativamente aos comportamentos do parceiro(a), abusivos ou não abusivos, estes foram organizados na componente designada **“Comportamentos do Outro”**. Além disso, estes comportamentos foram divididos em dois fatores: **(1)** estratégias de resolução de conflitos positivas ou não abusivas; **(2)** estratégias de resolução de conflitos abusivas.

Nas Tabelas 2 e 3 são apresentadas, respetivamente, as médias e desvio-padrão de respostas para a secção do questionário “Comportamentos não Abusivos do Próprio e do Outro”. De acordo com os resultados, a média de respostas é superior a 2, revelando que os próprios respondentes e os seus parceiros tentam procurar estratégias positivas para resolver os seus conflitos.

Tabela 2. Médias e desvio-padrão de respostas para Comportamentos não abusivos do Próprio

		DURANTE UMA DISCUSSÃO OU UM CONFLITO COM O MEU (MINHA) NAMORADO (A): [Eu apresentei os meus motivos.]	DURANTE UMA DISCUSSÃO OU UM CONFLITO COM O MEU (MINHA) NAMORADO (A): [Eu admiti que tinha alguma culpa.]	DURANTE UMA DISCUSSÃO OU UM CONFLITO COM O MEU (MINHA) NAMORADO (A): [Eu dei razões para achar que ele (a) estava errado(a).]	DURANTE UMA DISCUSSÃO OU UM CONFLITO COM O MEU (MINHA) NAMORADO (A): [Eu concordei que ele(a) estava, em parte, certo (a).]	DURANTE UMA DISCUSSÃO OU UM CONFLITO COM O MEU (MINHA) NAMORADO (A): [Eu apresentei uma solução que achei boa para os dois.]	DURANTE UMA DISCUSSÃO OU UM CONFLITO COM O MEU (MINHA) NAMORADO (A): [Eu deixei de falar até ele(a) se acalmar.]	DURANTE UMA DISCUSSÃO OU UM CONFLITO COM O MEU (MINHA) NAMORADO (A): [Eu discuti o assunto calmamente.]	DURANTE UMA DISCUSSÃO OU UM CONFLITO COM O MEU (MINHA) NAMORADO (A): [Eu disse-lhe o quanto aborrecida(o) estava.]	DURANTE UMA DISCUSSÃO OU UM CONFLITO COM O MEU (MINHA) NAMORADO (A): [Eu desisti só para evitar um conflito.]
N	Valid	117	117	117	117	117	117	117	117	117
	Missing	0	0	0	0	0	0	0	0	0
Mean		3.58	2.99	1.97	3.02	3.26	2.22	3.17	2.42	2.03
Std. Deviation		.812	1.004	1.094	1.083	1.012	1.204	1.003	1.295	1.156

Tabela 3. Médias e desvio-padrão de respostas para Comportamentos não abusivos Pelo Outro

		DURANTE UMA DISCUSSÃO OU UM CONFLITO COM O MEU (MINHA) NAMORADO(A): [Ele(a) admitiu que tinha alguma culpa.]	DURANTE UMA DISCUSSÃO OU UM CONFLITO COM O MEU (MINHA) NAMORADO(A): [Ele(a) admitiu que tinha alguma culpa.]	DURANTE UMA DISCUSSÃO OU UM CONFLITO COM O MEU (MINHA) NAMORADO(A): [Ele(a) admitiu que tinha alguma culpa.]	DURANTE UMA DISCUSSÃO OU UM CONFLITO COM O MEU (MINHA) NAMORADO(A): [Ele(a) admitiu que tinha alguma culpa.]	DURANTE UMA DISCUSSÃO OU UM CONFLITO COM O MEU (MINHA) NAMORADO(A): [Ele(a) admitiu que tinha alguma culpa.]	DURANTE UMA DISCUSSÃO OU UM CONFLITO COM O MEU (MINHA) NAMORADO(A): [Ele(a) admitiu que tinha alguma culpa.]	DURANTE UMA DISCUSSÃO OU UM CONFLITO COM O MEU (MINHA) NAMORADO(A): [Ele(a) admitiu que tinha alguma culpa.]	DURANTE UMA DISCUSSÃO OU UM CONFLITO COM O MEU (MINHA) NAMORADO(A): [Ele(a) admitiu que tinha alguma culpa.]	DURANTE UMA DISCUSSÃO OU UM CONFLITO COM O MEU (MINHA) NAMORADO(A): [Ele(a) admitiu que tinha alguma culpa.]
N	Valid	117	117	117	117	117	117	117	117	117
	Missing	0	0	0	0	0	0	0	0	0
	Mean	3.56	2.84	1.97	2.88	3.17	2.14	3.08	2.44	1.98
	Std. Deviation	.793	1.025	1.098	1.084	1.020	1.144	1.035	1.276	1.137

Tabela 4. Médias e desvio-padrão de respostas para Comportamentos abusivos Pelo Próprio

	N			
	Valid	Missing	Mean	Std. Deviation
DURANTE UMA DISCUSSÃO OU UM CONFLITO COM O MEU (MINHA) NAMORADO(A): [Eu toquei-o(a), sexualmente, contra a vontade dele(a).]	117	0	.98	.321
DURANTE UMA DISCUSSÃO OU UM CONFLITO COM O MEU (MINHA) NAMORADO(A): [Eu tentei pôr os amigos dele(a) contra ele(a).]	117	0	1.02	.394
DURANTE UMA DISCUSSÃO OU UM CONFLITO COM O MEU (MINHA) NAMORADO(A): [Eu fiz alguma coisa para lhe provocar ciúmes.]	117	0	1.50	.816
DURANTE UMA DISCUSSÃO OU UM CONFLITO COM O MEU (MINHA) NAMORADO(A): [Eu destruí ou ameacei destruir alguma coisa de que ele(a) gostava.]	117	0	1.00	.263
DURANTE UMA DISCUSSÃO OU UM CONFLITO COM O MEU (MINHA) NAMORADO(A): [Eu relembrei uma coisa má que ele(a) tinha feito no passado.]	117	0	1.76	.877
DURANTE UMA DISCUSSÃO OU UM CONFLITO COM O MEU (MINHA) NAMORADO(A): [Eu atirei-lhe alguma coisa.]	117	0	1.09	.466
DURANTE UMA DISCUSSÃO OU UM CONFLITO COM O MEU (MINHA) NAMORADO(A): [Eu disse coisas só para o(a) deixar furioso(a).]	117	0	1.26	.649
DURANTE UMA DISCUSSÃO OU UM CONFLITO COM O MEU (MINHA) NAMORADO(A): [Eu falei com ele(a) num tom de voz agressivo e mau.]	117	0	1.28	.668
DURANTE UMA DISCUSSÃO OU UM CONFLITO COM O MEU (MINHA) NAMORADO(A): [Eu forcei-o(a) a ter relações sexuais comigo quando ele(a) não queria.]	117	0	1.01	.278
DURANTE UMA DISCUSSÃO OU UM CONFLITO COM O MEU (MINHA) NAMORADO(A): [Eu ameacei-o(a), para tentar ter relações sexuais com ele(a).]	117	0	1.01	.278
DURANTE UMA DISCUSSÃO OU UM CONFLITO COM O MEU (MINHA) NAMORADO(A): [Eu insultei-o(a) com coisas humilhantes.]	117	0	1.04	.332
DURANTE UMA DISCUSSÃO OU UM CONFLITO COM O MEU (MINHA) NAMORADO(A): [Eu beijei-o(a) quando ele(a) não queria.]	117	0	1.10	.402
DURANTE UMA DISCUSSÃO OU UM CONFLITO COM O MEU (MINHA) NAMORADO(A): [Eu contei coisas aos amigos dele(a) para os pôr contra ele(a).]	117	0	1.03	.307
DURANTE UMA DISCUSSÃO OU UM CONFLITO COM O MEU (MINHA) NAMORADO(A): [Eu gozei-o(a) ou fiz pouco dele(a) em frente de 3s.]	117	0	1.06	.378
DURANTE UMA DISCUSSÃO OU UM CONFLITO COM O MEU (MINHA) NAMORADO(A): [Eu controlo com quem ele(a) está e onde está.]	117	0	1.15	.546
DURANTE UMA DISCUSSÃO OU UM CONFLITO COM O MEU (MINHA) NAMORADO(A): [Eu culpei-o(a) pelo problema.]	117	0	1.41	.779
DURANTE UMA DISCUSSÃO OU UM CONFLITO COM O MEU (MINHA) NAMORADO(A): [Eu dei-lhe pontapés, bati-lhe ou dei-lhe murros.]	117	0	.99	.335
DURANTE UMA DISCUSSÃO OU UM CONFLITO COM O MEU (MINHA) NAMORADO(A): [Eu acusei-o(a) de se meter com outras(os) raparigas/rapazes.]	117	0	1.21	.641
DURANTE UMA DISCUSSÃO OU UM CONFLITO COM O MEU (MINHA) NAMORADO(A): [Eu dei-lhe uma bofetada ou puxei-lhe o cabelo.]	117	0	.98	.321
DURANTE UMA DISCUSSÃO OU UM CONFLITO COM O MEU (MINHA) NAMORADO(A): [Eu ameacei magoá-lo(a).]	117	0	.99	.335
DURANTE UMA DISCUSSÃO OU UM CONFLITO COM O MEU (MINHA) NAMORADO(A): [Eu ameacei terminar o namoro.]	117	0	1.25	.668
DURANTE UMA DISCUSSÃO OU UM CONFLITO COM O MEU (MINHA) NAMORADO(A): [Eu ameacei bater-lhe ou atirar-lhe com qualquer coisa.]	117	0	.99	.335
DURANTE UMA DISCUSSÃO OU UM CONFLITO COM O MEU (MINHA) NAMORADO(A): [Eu empurrei-o(a), dei-lhe encontros ou abanei-o(a).]	117	0	1.05	.471
DURANTE UMA DISCUSSÃO OU UM CONFLITO COM O MEU (MINHA) NAMORADO(A): [Eu espalhei boatos contra ele(a).]	117	0	1.04	.462
DURANTE UMA DISCUSSÃO OU UM CONFLITO COM O MEU (MINHA) NAMORADO(A): [Eu ameacei divulgar fotos íntimas dele(a).]	117	0	.98	.321
DURANTE UMA DISCUSSÃO OU UM CONFLITO COM O MEU (MINHA) NAMORADO(A): [Eu ameacei contar a orientação dele(a), sem a sua permissão.]	117	0	.98	.321
DURANTE UMA DISCUSSÃO OU UM CONFLITO COM O MEU (MINHA) NAMORADO(A): [Eu invadi as redes sociais dele(a), sem o seu consentimento.]	117	0	1.03	.445

Tabela 5. Médias e desvio-padrão de respostas para Comportamentos abusivos Pelo Outro

	N			
	Valid	Missing	Mean	Std. Deviation
DURANTE UMA DISCUSSÃO OU UM CONFLITO COM O MEU (MINHA) NAMORADO(A): [Ele(a) tocou-me, sexualmente, contra a minha vontade.]	117	0	1.09	.525
DURANTE UMA DISCUSSÃO OU UM CONFLITO COM O MEU (MINHA) NAMORADO(A): [Ele(a) tentou pôr os meus amigos contra mim.]	117	0	1.11	.763
DURANTE UMA DISCUSSÃO OU UM CONFLITO COM O MEU (MINHA) NAMORADO(A): [Ele(a) fez alguma coisa para me provocar ciúmes.]	117	0	1.65	.913
DURANTE UMA DISCUSSÃO OU UM CONFLITO COM O MEU (MINHA) NAMORADO(A): [Ele(a) destruiu ou ameaçou destruir alguma coisa de que eu gostava.]	117	0	1.08	.476
DURANTE UMA DISCUSSÃO OU UM CONFLITO COM O MEU (MINHA) NAMORADO(A): [Ele(a) relembrou uma coisa má que eu tinha feito no passado.]	117	0	1.79	.927
DURANTE UMA DISCUSSÃO OU UM CONFLITO COM O MEU (MINHA) NAMORADO(A): [Ele(a) atirou-me alguma coisa.]	117	0	1.09	.572
DURANTE UMA DISCUSSÃO OU UM CONFLITO COM O MEU (MINHA) NAMORADO(A): [Ele(a) disse coisas só para me deixar furiosa(o).]	117	0	1.34	.756
DURANTE UMA DISCUSSÃO OU UM CONFLITO COM O MEU (MINHA) NAMORADO(A): [Ele(a) falou comigo num tom de voz agressivo e mau.]	117	0	1.44	.825
DURANTE UMA DISCUSSÃO OU UM CONFLITO COM O MEU (MINHA) NAMORADO(A): [Ele(a) forçou-me a ter relações sexuais com ele(a) quando eu não queria.]	117	0	1.03	.346
DURANTE UMA DISCUSSÃO OU UM CONFLITO COM O MEU (MINHA) NAMORADO(A): [Ele(a) ameaçou-me, para tentar ter relações sexuais comigo.]	117	0	1.03	.392
DURANTE UMA DISCUSSÃO OU UM CONFLITO COM O MEU (MINHA) NAMORADO(A): [Ele(a) insultou-me com coisas humilhantes.]	117	0	1.22	.721
DURANTE UMA DISCUSSÃO OU UM CONFLITO COM O MEU (MINHA) NAMORADO(A): [Ele(a) beijou-me quando eu não queria.]	117	0	1.15	.513
DURANTE UMA DISCUSSÃO OU UM CONFLITO COM O MEU (MINHA) NAMORADO(A): [Ele(a) contou coisas aos meus amigos para os pôr contra mim.]	117	0	1.14	.586
DURANTE UMA DISCUSSÃO OU UM CONFLITO COM O MEU (MINHA) NAMORADO(A): [Ele(a) gozou-me ou fez pouco de mim em frente de 3s.]	117	0	1.13	.518
DURANTE UMA DISCUSSÃO OU UM CONFLITO COM O MEU (MINHA) NAMORADO(A): [Ele(a) controla com quem eu estou e onde estou.]	117	0	1.32	.849
DURANTE UMA DISCUSSÃO OU UM CONFLITO COM O MEU (MINHA) NAMORADO(A): [Ele(a) culpou-me pelo problema.]	117	0	1.50	.979
DURANTE UMA DISCUSSÃO OU UM CONFLITO COM O MEU (MINHA) NAMORADO(A): [Ele(a) acusou-me de me meter com 3s(as) rapazes/raparigas.]	117	0	1.37	.837
DURANTE UMA DISCUSSÃO OU UM CONFLITO COM O MEU (MINHA) NAMORADO(A): [Ele(a) tentou assustar-me de propósito.]	117	0	1.30	.833
DURANTE UMA DISCUSSÃO OU UM CONFLITO COM O MEU (MINHA) NAMORADO(A): [Ele(a) deu-me uma bofetada ou puxou-me o cabelo.]	117	0	1.00	.415
DURANTE UMA DISCUSSÃO OU UM CONFLITO COM O MEU (MINHA) NAMORADO(A): [Ele(a) ameaçou magoar-me.]	117	0	1.03	.382
DURANTE UMA DISCUSSÃO OU UM CONFLITO COM O MEU (MINHA) NAMORADO(A): [Ele(a) ameaçou terminar o namoro.]	117	0	1.40	.881
DURANTE UMA DISCUSSÃO OU UM CONFLITO COM O MEU (MINHA) NAMORADO(A): [Ele(a) ameaçou bater-me ou atirar-me com qualquer coisa.]	117	0	1.03	.454
DURANTE UMA DISCUSSÃO OU UM CONFLITO COM O MEU (MINHA) NAMORADO(A): [Ele(a) empurrou-me, deu-me encontros ou abanou-me.]	117	0	1.06	.496
DURANTE UMA DISCUSSÃO OU UM CONFLITO COM O MEU (MINHA) NAMORADO(A): [Ele(a) espalhou boatos contra mim.]	117	0	1.10	.607
DURANTE UMA DISCUSSÃO OU UM CONFLITO COM O MEU (MINHA) NAMORADO(A): [Ele(a) ameaçou divulgar fotos íntimas minhas.]	117	0	1.00	.435
DURANTE UMA DISCUSSÃO OU UM CONFLITO COM O MEU (MINHA) NAMORADO(A): [Ele(a) ameaçou contar a minha orientação sexual, sem a minha permissão.]	117	0	.98	.321
DURANTE UMA DISCUSSÃO OU UM CONFLITO COM O MEU (MINHA) NAMORADO(A): [Ele(a) invadiu as minhas redes sociais, sem o meu consentimento.]	117	0	1.13	.664

Quanto às estratégias os resultados indicam que os próprios respondentes e os seus parceiros não usam formas de abuso para resolverem os seus problemas (médias sempre entre o valor 1 “nunca” e 2 “raramente”).

7.2.1. Análise dos comportamentos do respondente

Comportamentos não abusivos pelo próprio respondente:

- Cerca de 72% dos respondentes apresenta frequentemente os seus motivos quando tentam resolver um conflito e apenas um terço dos respondentes assume admitir a culpa. Além disso, cerca de 53% dos respondentes apresentam frequentemente uma solução que é boa para os dois e cerca de 48% assume discutir os assuntos calmamente; 57% dos respondentes assumem que raramente ou nunca deixam que o outro fale até se acalmar e 49% dos respondentes não desiste da discussão para evitar o conflito.

Comportamentos agressivos do próprio respondente:

- Relativamente a **comportamentos sexuais agressivos**, os resultados são positivos. Verificou-se que, cerca de 97% dos respondentes nunca tocaram no parceiro sexualmente contra a sua vontade nem o ameaçaram para ter relações sexuais e 88% dos respondentes nunca beijaram o parceiro quando ele não queria.

- Nos **comportamentos físicos agressivos**, 93% dos respondentes nunca atiraram alguma coisa ao outro; 96% nunca bateram no parceiro, deram pontapés ou murros, nem ameaçaram bater-lhe ou atirar-lhe com alguma coisa; 97% nunca deram bofetadas nem puxaram cabelos; 96% dos respondentes admitem que nunca ameaçaram magoá-lo. Estes resultados demonstram que, grande parte dos respondentes, não resolvem os conflitos através de comportamentos físicos agressivos. Já segundo o Estudo Nacional sobre a Violência no Namoro no Ensino Superior realizado entre janeiro e dezembro de 2020 desenvolvido no âmbito do programa UNI+, 8,1% das mulheres e 9,8% dos homens já foram magoadas/os fisicamente (empurrões, bofetadas, murros ou cabeçadas).

- Verifica-se ainda que, no que diz respeito à **provocação de ciúmes propositadamente**, 59% dos respondentes não têm por hábito provocar ciúmes de forma propositada. No entanto, 38% admite que, por vezes, fazem-no.

O Estudo Nacional sobre a Violência no Namoro no Ensino Superior, promovido pela Associação Plano i, refere que os ciúmes e os problemas mentais das pessoas agressoras estão entre as causas mais apontadas para a prática da violência no namoro e 23,2% dos(as) estudantes afirmam já terem sido

culpados(as), criticados(as), insultados(as), difamados(as) ou acusados(as) sem razão e 20,5% afirmam já ter sofrido e praticado estes mesmos atos.

- Além destas subcomponentes de comportamentos agressivos, existem ainda outros fatores importantes de analisar, nomeadamente:

- **Insultar o parceiro com atos ou palavras humilhantes:** 94% dos respondentes nunca o fizeram.
- **Troçar do parceiro à frente de outros:** 93% dos respondentes nunca o fizeram.
- **Contar coisas aos amigos do parceiro para os pôr contra ele:** 96% dos respondentes nunca o fizeram.
- **Espalhar boatos contra o parceiro:** 93% dos respondentes afirmam que nunca fizeram.
- **Ameaçar divulgar fotos íntimas do parceiro:** 97% dos respondentes afirmam que nunca o fizeram.
- **Ameaçar terminar o namoro:** 77% dos respondentes nunca ameaçaram terminar o namoro em situações de discussão. No entanto, 21% dos respondentes admitem já o terem feito.
- **Invadir as redes sociais do parceiro sem o seu consentimento:** 95% dos respondentes nunca o fizeram.
- **Falar em tom de voz agressivo e mau:** 74% dos respondentes nunca falaram com o parceiro num tom de voz agressivo num momento de discussão. No entanto, 25% admitiram já o terem feito.
- **Acusar o parceiro de se meter com outros rapazes/raparigas:** 79% dos respondentes nunca o fizeram, mas cerca de 18% admitem já o terem feito.
- **Controlar as pessoas com quem o parceiro está:** 88% dos respondentes afirmam que nunca controlaram com quem o seu parceiro está.

Conclusão: Na componente “Comportamentos Agressivos do Próprio Respondente”, os resultados mostram que, de uma forma geral, os respondentes apresentam comportamentos positivos em momentos de discussão com o parceiro e não recorrem a métodos agressivos ou em forma de ameaça. Além disso, é relevante referir que cerca de 66% não culpam o parceiro do problema. No caso de existir a necessidade de reportar alguma situação de violência doméstica, 66% dos respondentes sabem onde se podem dirigir e com quem contactar.

7.2.2. Análise dos comportamentos do outro

Comportamentos não abusivos do outro:

Os comportamentos não abusivos do outro referem-se aos comportamentos não abusivos do parceiro do respondente.

De acordo com os resultados, 68% dos respondentes afirmam que o parceiro apresenta sempre os seus motivos quando estão numa situação de discussão. No entanto, apenas 29% dos respondentes afirmam que o parceiro admitia a sua culpa.

Além disso, cerca de 38% dos respondentes admitiram que o parceiro nunca apresenta razões para o próprio achar que estava errado, enquanto 51% dos respondentes admitiu que o parceiro o fazia algumas vezes e apenas 9% dos respondentes admitia que o parceiro frequentemente dava razões para o próprio achar que estava errado. No entanto, é importante referir também que apenas 48% dos respondentes admite que o parceiro apresenta frequentemente uma solução boa para os dois.

Nas situações de discussão, 33% respondentes afirma que o parceiro nunca deixou de falar até o próprio se acalmar e 44% dos respondentes admitem que o parceiro tem, por hábito, discutir o assunto calmamente. Apesar disso, cerca de 44% dos respondentes admite que o parceiro nunca desistiu da discussão para evitar o conflito.

Comportamentos abusivos do outro:

- Relativamente a **comportamentos sexuais agressivos do outro**, tal como na secção dos comportamentos abusivos do próprio, as respostas são positivas. Verificou-se que cerca de 93% dos respondentes nunca foram tocados sexualmente contra a sua vontade, 96% dos respondentes nunca foram forçados a ter relações sexuais quando não era a sua vontade e 97% assume nunca ter sido ameaçado para tentar ter relações sexuais. Ainda neste âmbito, 86% dos respondentes nunca foram beijados quando não queriam e 94% respondentes nunca foram ameaçados pelo outro com a divulgação de fotos íntimas.

Relativamente aos comportamentos sexuais abusivos o Estudo Nacional sobre a Violência no Namoro no Ensino Superior, refere que 12,7% das mulheres e 7,2% dos homens já foram obrigadas/os a ter comportamentos sexuais não desejados (ver pornografia, sexo oral, sexo anal ou ter relações sexuais com outras pessoas); 10,7% das mulheres e 3,3% dos homens já foram forçadas/os a ter relações sexuais; 4,5% das mulheres e 2,6% dos homens já sofrem de ameaça de morte, atentados contra a vida ou ferimentos que as/os obrigaram a receber tratamento médico.

- Nos **comportamentos físicos agressivos do outro**, cerca de 93% dos respondentes nunca foram ameaçados com violência física pelo outro e 94% dos respondentes assumem que o outro nunca ameaçou destruir alguma coisa que o próprio gostava.

Além disso, cerca de 86% dos respondentes afirmaram que o parceiro/a nunca tentou pôr os seus amigos contra o próprio e 90% dos respondentes declaram que o parceiro/a nunca contou coisas do próprio aos amigos. Além disso, 89% dos respondentes responderam que o outro nunca gozou com o

próprio à frente de outros e nunca espalhou boatos contra o próprio. Cerca de 97% dos respondentes assumem que o outro nunca ameaçou contar a orientação sexual do próprio sem a sua permissão.

Além destas subcomponentes de comportamentos agressivos, existem ainda outros fatores importantes de analisar, nomeadamente:

- **Controlar com quem estou e onde estou:** 81% dos respondentes nunca foram controlados neste sentido pelo/a parceiro/a, já o Estudo Nacional sobre a Violência no Namoro no Ensino Superior destaca que 14,1% das mulheres e 9,7% já foram impedidas/os de contactar com a família.
- **Ele(a) lembrou uma coisa má que eu tinha feito no passado:** 49% dos respondentes afirmaram que os/as seus/suas parceiros/as nunca fizeram isso.
- **Ele(a) fez alguma coisa para me provocar ciúmes:** 52% dos respondentes afirmaram que o/a parceiro/a nunca fez nada propositadamente para provocar ciúmes.
- **Ele(a) disse coisas só para me deixar furiosa(o):** 74% dos respondentes responderam que o/a parceiro/a nunca disseram algo propositadamente para o deixar furioso.
- **Ele(a) falou comigo num tom de voz agressivo e mau:** 67% dos respondentes afirmam que o/a parceiro/a nunca falaram com um tom de voz agressivos e mau. No entanto, cerca de 27% dos respondentes afirmam que isto acontece algumas vezes.
- **Ele(a) insultou-me com coisas humilhantes:** 85% dos respondentes afirmaram que o/a parceiro/a nunca insultou com coisas humilhantes, o Estudo Nacional sobre a Violência no Namoro no Ensino Superior refere que 22,3% das mulheres e 20,3 % já foram culpadas/os, criticados/as, insultadas/os, difamadas/os e acusadas/os sem razão; 20,3% das mulheres
- **Ele(a) invadiu as minhas redes sociais, sem o meu consentimento:** 90% dos respondentes afirmaram que o/a parceiro/a nunca invadiu as redes sociais, sem o seu consentimento, o Estudo Nacional sobre a Violência no Namoro no Ensino Superior refere que 13,8% das mulheres e 15,7% dos homens já viram os seus pertences serem vistos sem autorização (roupa, bolsos, conta de email, perfil das redes sociais);
- **Ele(a) ameaçou terminar o namoro:** 71% dos respondentes afirmam que o/a parceiro/a nunca ameaçaram terminar o namoro em situação de discussão, mas 22% afirmam que isso aconteceu algumas vezes.
- **Ele(a) disse-me o quanto aborrecido(a) estava:** 26% dos respondentes afirmam que o/a parceiro/a nunca dizem o quanto estão aborrecidos(as), 44% responderam algumas vezes e 30% responderam frequentemente.
- **Ele(a) culpou-me pelo problema:** 64% dos respondentes afirmam que o/a parceiro/a nunca o culpou pelo problema, mas 28% afirmam que isso acontece algumas vezes.

Conclusão: Na componente “Comportamentos Abusivos do Outro”, os resultados mostram que, de uma forma geral, os/as parceiros/as dos respondentes apresentam comportamentos positivos em momentos de discussão com o parceiro e não recorrem a métodos agressivos.

Os resultados do presente estudo realizado com estudantes do ensino secundário do concelho de Guimarães sobre a violência no namoro demonstram que os/as participantes no estudo apresentam competências positivas relativamente a esta problemática, contrariando outros estudos realizados sobre a violência no namoro. Alguns destes estudos referem que os adolescentes apresentam uma baixa concordância no que diz respeito à aceitação de atos violentos (Machado, Matos e Moreira, 2003, cit. in Caridade e Machado, 2006). Esta aceitação da violência é um dos principais fatores para a sua normalização, visto que atos violentos são percecionados pelos jovens como sendo normais.

Conclusão

Pretendia-se com a realização desta investigação analisar as crenças e as práticas da violência no namoro a partir da ótica dos/as estudantes que frequentam o ensino Secundário no Concelho de Guimarães.

Para a realização da presente dissertação foi essencial construir uma base teórica sobre o fenómeno da violência nas relações de intimidade na adolescência, sendo que, tornou-se fulcral abordar diversos conceitos para a sua compreensão.

Assim, contextualizamos a violência no namoro desde a sua conceptualização teórica à noção de adolescência, à de namoro enquanto relação de intimidade, ao enquadramento legal da violência no namoro. Percorremos as várias tipologias de violência, as diversas abordagens explicativas do fenómeno da violência, a relação da violência no namoro e a delinquência juvenil, os fatores de risco associados à vitimação e à sua perpetuação, os diversos fatores protetores, as consequência biopsicossociais, as crenças e atitudes associadas à violência no namoro, a influência dos pares, pais e normas sociais, a importância dos projetos de prevenção e o papel das organizações do terceiro setor na prevenção da violência no namoro.

A investigação científica durante décadas sobre a temática da violência nas relações de intimidade privilegiou o casamento/união de facto, sendo este o principal objeto de estudo, negligenciando-se outros contextos relacionais, como a violência no namoro. As dificuldades intrínsecas na definição do conceito de violência, a sua operacionalização, o difícil acesso dos investigadores à população juvenil e a inexistência de um estatuto legal, autónomo, alusivo à violência fora dos contextos maritais constituem alguns impedimentos à visibilidade social desta problemática e que, durante anos, contribuíram para a sua ocultação, comprometendo a produção do conhecimento científico neste âmbito (Caridade & Machado, 2013, p.92).

Ao longo do tempo a violência nas relações de intimidade juvenil tem ganho relevo, sendo encarada como um problema relevante na nossa sociedade. Os estudos realizados em Portugal sobre a violência na intimidade juvenil, embora recentes, apontam para elevadas taxas de violência entre os jovens namorados. Estes estudos corroboram as investigações internacionais que, desde a década de 80, dão o alerta para a extensão deste fenómeno e procuram perceber as suas causas (Paulino & Alchieri, 2018, p.71).

Existe uma série de fatores de ordem social e cultural que influenciam a forma como o amor é vivido, quer por homens quer por mulheres, e que podem contribuir para situações de violência na intimidade. Neste sentido o amor é encarado como um elemento da ação social, uma força que, no

quadro dos valores das sociedades atuais, pode ser perturbadora da ordem social (Barroso, 2007, p.69). O flagelo da violência nas relações representa um dos maiores paradoxos das relações nos tempos modernos. O amor apresenta-nos assim uma dualidade, se por um lado o amor promove a felicidade e o bem-estar pessoal dos seus membros, por outro lado pode não estar desprovido de violência, trazendo a infelicidade e a instabilidade emocional aos seus intervenientes. A violência no namoro, embora tenha ganho relevância recentemente, ainda continua a ser marginalizada quando comparada com a violência marital, seja nos discursos sociais e educativos, seja pelo Estado Português.

Com a pesquisa realizada ao longo do presente trabalho, podemos verificar que é fundamental apostar no desenvolvimento de políticas governamentais, comunitárias e institucionais que estimulem relações de género paridárias, que estimulem a cooperação entre géneros, bem como a resolução não violenta e eficaz dos conflitos entre parceiros (Hage, 2000 citado por Matos et al., 2006, p.58). Temos como exemplo a realização de campanhas de sensibilização e projetos de combate à violência. Constituindo a escola uma entidade que desenvolve um trabalho fundamental na educação e no desenvolvimento da cidadania dos jovens, torna-se o lugar e tempo ideal para consciencializar e desmistificar crenças e estereótipos, como educar para os afetos, promover as competências socioemocionais, apostando na prevenção e assegurando que a violência não continua a ser um fenómeno crescente.

Salientamos que muitos dos comportamentos violentos na adolescência podem-se tornar mais frequentes e agravar-se com o tempo, podendo ser replicados também na vida adulta. Nesta perspetiva, Silva (2017, p.72) alerta para o seguinte: “determinadas atitudes violentas, ao serem legitimadas numa relação de namoro, tenderão a reforçar comportamentos violentos com consequências cada vez mais severas”. É urgente manter uma intervenção a título de prevenção nas escolas e no ensino superior, capacitando os jovens para a adoção de atitudes positivas perante os conflitos nas relações de intimidade e melhorando os seus conhecimentos a nível da prevenção das situações de violência e promoção de relações saudáveis.

Contrariamente a diversos estudos desenvolvidos com adolescentes e jovens na área da violência nas relações de intimidade, mencionados no corpo desta dissertação, o estudo realizado sobre a violência no namoro com adolescentes do concelho de Guimarães demonstrou que os/as participantes no estudo apresentam competências positivas relativamente a esta problemática. De acordo com os resultados os adolescentes participantes no estudo revelam que procuram estratégias positivas para resolver os conflitos, indicando também que os respondentes e os seus parceiros tentam procurar estratégias positivas para resolver os seus conflitos. Quanto às estratégias abusivas, os resultados indicam que os

próprios parceiros não usam formas de abuso para resolverem os seus problemas. Na componente “Comportamentos Agressivos do Próprio Respondente”, os resultados mostram que, de uma forma geral, os respondentes apresentam comportamentos positivos em momentos de discussão com o parceiro e não recorrem a métodos agressivos ou em forma de ameaça. Além disso, é relevante referir que cerca de 66% não culpam o parceiro pelo problema. No caso de existir a necessidade de reportar alguma situação de violência doméstica, 66% dos respondentes sabem onde se podem dirigir e com quem contactar. Relativamente à componente “Comportamentos Abusivos do Outro”, os resultados mostram que, de uma forma geral, os/as parceiros/as dos respondentes apresentam comportamentos positivos em momentos de discussão com o parceiro e não recorrem a métodos agressivos.

Assim, podemos concluir que os adolescentes vimaranenses participantes no presente estudo adotam atitudes positivas perante os conflitos nas relações de intimidade, estabelecendo relacionamentos saudáveis entre si.

Apesar da presente investigação tentar abordar um grande número de estudantes do ensino secundário do concelho de Guimarães, tivemos algumas limitações na realização do estudo, como: O estudo ser realizado no final do ano letivo, pois, alguns estudantes já não se encontravam na escola; não conseguimos fazer a caracterização demográfica dos participantes no estudo e a aplicação do inquérito por questionário ser online, pois apesar de apresentar aspetos positivos como a divulgação do mesmo ser mais ampla, abrangendo um maior número de alunos num espaço de tempo mais reduzido, apresenta também aspetos negativos, ou seja, o/a investigador/a não consegue criar uma relação empática com os/as participantes, para além de o questionário abarcar questões fechadas, a leitura e compreensão do fenómeno da violência pode não ser tão complexa e profunda como uma entrevista com o participante.

Apresentamos como pontos fortes deste estudo a autorização das escolas participantes para aplicação do inquérito por questionário, assim como a colaboração dos professores, facilitando deste modo a realização do estudo.

Os resultados obtidos no estudo apresentado, demonstram de que tanto os participantes do estudo, como os/as seus/suas companheiros/as apresentam estratégias positivas relativamente à problemática da violência no namoro, estes dados podem servir de mote para outras pesquisas, para tentarmos perceber o porquê de os adolescentes do concelho de Guimarães apresentarem competências positivas na resolução de conflitos nas relações de intimidade juvenil.

Desta forma voltamos a salientar a importância da intervenção educativa, para além de capacitar os jovens para a adoção de atitudes positivas perante os conflitos nas relações de intimidade melhora os

seus conhecimentos a nível da prevenção das situações de violência e promoção de relações saudáveis, permite aceder a um grande número de jovens, abrange e sensibiliza toda a comunidade educativa, permitindo também, a disseminação das competências apreendidas na comunidade escolar.

Acreditamos que os programas de prevenção da violência nas relações de intimidade, a longo prazo, deveriam ser abraçados pelas escolas, uma vez que, a nosso ver, só deste modo conseguiremos promover a mudança na sociedade e, por conseguinte, atingirmos um estado de sociedade mais equitativo e pacífico.

Referências bibliográfias

- Afonso, J. (2010). "(...) Mais gosto de ti"??? *Diferenças entre homens e mulheres nas crenças e comportamentos sobre violência conjugal*. Dissertação de mestrado não publicada. Universidade Lusófona de Humanidades e Tecnologias.
- Associação Portuguesa de Apoio à Vítima APAV (2011). *Manual crianças e jovens vítimas de Violência: Compreender, intervir e prevenir*. Lisboa; *Jornal de Violência Interpessoal* 19,2, 162-84.
- Arriaga, Ximena B., and Vangie A. Foshee.(2004) Violência no namoro entre adolescentes: os adolescents seguem os passos dos seus amigos ou dos seus pais?
- Atas do Colóquio Internacional @s jovens e o crime - transgressões e justiça tutelar, pp.14-26. Disponível em www.ces.uc.pt/publicacoes/cescontexto/ficheiros/cescontexto_debates_x.pdf
- Barroso, Z. (2007). *Violência nas Relações Amorosas: uma análise sociológica dos casos detetados nos Institutos de Medicina Legal de Coimbra e do Porto*. Lisboa: Colibri.
- Beserra, M., Leitão, M., Fabião, J., Dixe, M., Verissimo, C. & Ferriani, M. G. (2016). Prevalência e características da violência no namoro entre adolescentes escolares de Portugal. *Esc Anna Nery*, 20(1), 183-191.
- Bittar, D., & Nakano, A. (2017). Violência simbólica entre adolescentes nas relações afetivas do namoro. *Revista da Escola de Enfermagem da USP*, 51 (0). Disponível em <https://doi.org/10.1590/S1980-220X2017003003298>
- Camargo, E., & Ferrari, R. (2009). Adolescentes: Conhecimentos sobre sexualidade antes e após a participação em oficinas de prevenção. *Ciência & Saúde Coletiva*, 14(3), 937-946.
- Caridade, S. e Machado, C. (2006). Violência na intimidade juvenil: Da vitimação à perpetração. *Análise Psicológica*, volume 24, 1, pp. 485-493.
- Caridade, S., & Machado, C. (2008). Violência sexual no namoro: Relevância da prevenção. *Psicologia*, 22(1), 77-104.
- Caridade, S. (2011). *Vivências íntimas violentas: Uma abordagem científica*. Coimbra: Edições Almedina.
- Caridade, S., Saavedra, R., & Machado, C. (2012). Práticas de prevenção da violência nas relações de intimidade juvenil: Orientações gerais. *Análise Psicológica*, 30 (1), 131-142. Disponível em https://scielo.pt/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S0870-82312012000100011?script=sci_arttext&pid=S0870-82312012000100011
- Caridade, S. & Machado, C. (2013). Violência nas relações juvenis de intimidade: uma revisão da teoria, da investigação e da prática. *PSICOLOGIA*, XXVII (1), Edições Colibri, Lisboa, 91-113.

- Carvalho, M. (2000). *Violência urbana e juventude: o problema da delinquência juvenil*. Revista Infância e Juventude, n° 3, pp. 27-47
- Chase, K.A.; Treboux, D., & O`Leary, K.D. (2002). Características da violência no namoro de adolescentes de alto risco. *Jornal de Violência Interpessoal*, 17, 33-49.
- Costa, C., Cenci, C. & Mosmann, C. (2016). Conflito Conjugal e Estratégias de Resolução: Uma Revisão Sistemática da Literatura. *Temas de Psicologia*, 24 (1), 325-338. Disponível em <http://pepsic.bvsalud.org/pdf/tp/v24n1/v24n1a17.pdf>
- Coelho, C., & Machado, C. (2010). *Violência entre jovens: Prevenção através da educação por pares*. Atas do VII Simpósio Nacional de Investigação em Psicologia (pp. 3368-3383). Braga: Universidade do Minho.
- Comissão para a cidadania e a igualdade de género – presidência do conselho de ministros, 2016, Guia de requisitos mínimos de intervenção em situações de violência doméstica e violência de género, CIG;
- Cristóvão, C. (2012). Quanto mais me bates mais eu gosto de ti: Um estudo exploratório sobre a violência no namoro. *Dissertação de Mestrado em Psicologia Aplicada, Especialização em Psicologia Clínica*. Instituto Universitário de Ciências Psicológicas, Sociais e da Vida.
- Dahlberg, Linda, L.; Krug, Etienne G., (2007). Violência: um problema global de saúde pública. *Ciência & Saúde Coletiva*, 11, 1163-1178.
- Dahlberg, L. L. & Krug, E. G. (2002). Violência: um problema global de saúde pública. In Organização Mundial de Saúde (Org.), *Relatório Mundial sobre Violência e Saúde*. Genebra: OMS.
- Davies, S. (2010). A Teoria das Transições de Enfermagem de Meleis e as experiências dos familiares no lar dos idosos. Em A. Meleis (Ed.), *Teoria das transições. Médio Alcance e Situação. Teorias específicas na pesquisa e prática de enfermagem* Parte III – Capítulo 4. Nova Iorque. Editora Springer.
- Direção Geral de Saúde (2003). *Estratégias de combate à violência doméstica. Manual de recursos*. Lisboa: Ministério da Saúde.
- Direção Geral de Saúde (2006). *Circular normativa n.º 7/DSE de 29/06/2006: Programa nacional de saúde escolar*. Consultado em: <http://www.dgs.pt/upload/membro.id/ficheiros/i008093.pdf>

- Direção-Geral da Saúde (2014). Violência interpessoal- Abordagem, diagnóstico e intervenção nos serviços de saúde. Disponível em https://www.dgs.pt/accao-de-saude-para-criancas.../violencia_interpessoal-pdf.aspx
- Direção Geral de Saúde. (2016). *Violência Interpessoal - Abordagem, Diagnóstico e Intervenção nos Serviços de Saúde* (2ª ed.). Lisboa: DGS. https://www.dgs.pt/accao-de-saude-paracriancas-e-jovens-em-risco/ficheirosexternos/violencia_interpessoal-pdf.aspx
- Duarte, M. (2018). *O impacto dos maus-tratos na vida das crianças e dos jovens em situação de acolhimento*. Dissertação de Mestrado na Faculdade de Ciências Sociais e Humanas. Universidade Fernando Pessoa. Disponível em https://bdigital.ufp.pt/bitstream/10284/6952/1/DM_Mariana%20Duarte.pdf
- Estudo nacional sobre a violência no namoro no ensino superior, crenças e práticas – 2020/2021, Associação Plano i.
- Espinar-Ruiz, E. (2007). As raízes socioculturais da violência de género. *Escola aberta: Revista de Investigação Educativa*, ISSN 1138-6908, N° 10, 2007, Pp. 23-48.
- Fernandes, A. (2013). *Programas de sensibilização de violência no namoro: impacto nos jovens* [Dissertação de mestrado, Instituto Universitário de Ciências Psicológicas, Sociais e da Vida]. Repositório do Instituto Universitário de Ciências Psicológicas, Sociais e da Vida. <http://hdl.handle.net/10400.12/2580>
- Ferreira, M. (2011). *A violência no namoro: estudo exploratório de caracterização das reações dos adolescentes face à violência*. Dissertação de mestrado, Escola de Psicologia. Repositório da Universidade do Minho. Disponível em <http://repositorium.sdum.uminho.pt/handle/1822/18651>
- Foshee, Vangie A., Heather Luz McNaughton Reyes e Susan T. Ennet (2005) Exame das Diferenças de Sexo e Raça da Perpetração de Violência no Namoro Adolescentes. *Diário de Agressão, Maus – Tratos e Trauma* 19, (5), 492-516.
- Franklin, C.A., & Kercher, G.A. (2012). A transmissão intergeracional do parceiro íntimo na violência: Diferenciando Correlatos numa Amostra Aleatória da Comunidade. *J Fam Viol*, 27, 187-199. DOI 10.1007 / s 10896-012-9419-3
- Gama, A., Veríssimo A. & Tomás, C. (2017). Violência no namoro na escola superior de educação de Lisboa. *Ex æquo*, 36, 77-98. Disponível em <https://exaequo.apem-estudos.org/artigo/violencia-no-namoro-na-escola-superior-de-educacao-de-lisboa>
- Gil, A. (2002). *Como Elaborar Projetos de Pesquisa* (4.ª ed.). Atlas S.A

- Glass, N.; Fredland, N.; Campbell, J.; Yonas, M.; Sharps, P. & Kub, J. (2003). Violência no namoro na adolescência: prevalência, fatores de risco, resultados de saúde e implicações para a prática clínica. *JGNN Clinical Issues*, 32, 227-238.
- Gomes R., Deslades S., Veiga M., Bhering C. & Santos J. (2002). Por que as crianças são maltratadas? Explicações para a prática de maus-tratos infantis na literatura. *Cadernos de Saúde Pública*, 3. Disponível em <https://www.scielo.org/article/csp/2002.v18n3/707-714/>
- Gonçalves, A. (2014). *Violência no namoro: uma investigação com alunos/as do 9º ano de escolaridade*. [Dissertação de mestrado, Universidade do Minho Instituto de Educação]. Biblioteca da Universidade do Minho. Disponível em <http://hdl.handle.net/1822/35875>
- Guerreiro, A., Pontedeira, C., Oliveira, E., Magalhães, M., & Ribeiro, P. , (2014). “Prevenção da Violência de Género na UMAR: Projeto Mudanças com Arte”, *Notícias CIG*, 90, 50-51.
- Guerreiro, A., Pontedeira, C., Sousa, R., Magalhães, M., Oliveira, E. & Ribeiro, P. (2015). Intimidade e violência no namoro: refletir a problemática nos/as jovens. Universidade do Porto. Disponível em <https://repositorio-aberto.up.pt/handle/10216/78885>
- Jardim, J., & Pereira, A. (2006). *Competências pessoais e sociais: Guia prático para a mudança positiva*. Porto: Edições ASA.
- Kerman, Erica; Powers, J. (2006) Violência no namoro adolescente. Fatos de pesquisa e descobertas. Lei para a Juventude do Centro de Excelência do Estado, Nova Iorque.
- Krug, E., Dahlberg, L., Mercy, J., Zwi, A & Lozano, R. (2002). *Relatório mundial sobre violência e saúde*. Organização Mundial de Saúde, Genebra.
- Lavoie, F. (2002) *Journal of Adolescent Health* ;30: 375-383
- Leen, E., Sorbring, E., Mawer, M., Holdsworth, E., Helsing, B., & Bowen, E. (2013). Prevalência, fatores de risco dinâmicos e a eficácia de intervenções primárias para a violência no namoro adolescente: uma revisão internacional. *Agressão e comportamento violento*, 18, 159-174. Disponível em <https://www.sciencedirect.com/science/article/abs/pii/S1359178912001292?via%3Dihub>
- Leitão, M. (2013). Violência nas Relações de Intimidade. In M. Leitão, M. Fernandes, J. Fabião. M. Alegre de S, C. Veríssimo & M. Dixe (Coords.). *Prevenir a Violência no Namoro – n(amor) o (im)perfeito – Fazer diferente para fazer a diferença* (Pp. 23-42).
- Machado, L. (2010). *Crenças e Representações Sociais dos Adolescentes sobre a Violência Interpessoal*. Dissertação de Mestrado em Psicologia da Saúde e Intervenção Comunitária. Universidade Fernando

- Pessoa do Porto. Repositório Institucional da Universidade Fernando Pessoa. Disponível em <http://hdl.handle.net/10284/1567>
- Matos, M., Machado, C., Caridade, S & Silva, M. (2006). Prevenção da violência nas relações de namoro: intervenção com jovens em contexto escolar. *Psicologia: Teoria 8 (1)*, 55-75. Disponível em http://pepsic.bvsalud.org/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S1516-36872006000100005
- Malik, S., Sorenson, S.B., & Aneshensel, C.S. (1997). Comunidade e Violência no namoro entre Adolescentes: perpetração e vitimização. *Revista de saúde do adolescente*, 21, 291-302.
- Martin, C., Houston, A., Mmari, K., & Decker, M.R. (2012). Adolescentes e Jovens Urbanos. Os adultos descrevem o drama, o desrespeito, a violência no namoro e as preferências de procura de ajuda. *Revista de Saúde Materna e Infantil*, 16, 957-966. DOI 10.1007/S10995-011-0819-4
- Matos, M. (2002). Violência conjugal. In Machado, C. & Gonçalves, R. A. (Coords), *Violência e vítimas de crime*. Vol I: Adultos (pp. 83-130). Coimbra: Quarteto.
- Matos, M., Machado, C., Caridade, S., & Silva, M. (2006). Prevenção da violência nas relações de namoro: Intervenção com jovens em contexto escolar. *Revista Psicologia: Teoria e Prática*, 8, 55-76.
- Matos, M.G. & Equipa do projeto Aventura Social (2006). *A Saúde dos Adolescentes Portugueses*. Lisboa: CDI/ FMH/UTL
- McDonell, J., Ott, J., & Mitchell, M. (2010). Previsão de vitimização por violência no namoro e perpetração entre estudantes do ensino fundamental e médio numa comunidade rural do sul. *Children and Youth Services Review*, 32, 1458-1463. DOI: 10.1016/j.chilyouth.2010.07.001
- Medeiros, R. A., & Straus, M. A. (2006). *Fatores de risco para a violência física entre parceiros de namoro: Implicações para a prevenção e tratamento inclusivo de género da violência familiar*. Em J.C. Hamel & T. Nicholls (Eds.), *Família Abordagens à violência doméstica: Um guia para profissionais de pesquisa e tratamento*: Springer
- Morais, L. (2015). *A Natureza do Amor Romântico*. [Dissertação de mestrado, Escola de Psicologia e Ciências da Vida]. Repositório Científico da Lusófona. <https://recil.grupolusofona.pt/handle/10437/7222>
- Muñoz-Rivas, M., Graña J. L., O'Leary K.D. (2007). Aggression in adolescent dating relationships: prevalence, justification, and health consequences. *Journal of Adolescent Health*, 40, 298-304

- Mpiana, K. (2011). As percepções que os alunos do 12º ano têm sobre a violência sexual contra as meninas no contexto escolar. *Jornal Africano de Gestão Empresarial*, 5, 9992-9997. DOI: 10.5897/AJBM10.279
- Nascimento, M. (2019). *Violência nas relações de namoro: prevenção em contexto escolar. Dissertação de mestrado Escola Superior de Educação Paula Frassinetti. Repositório da ESEPF. Disponível em* <http://hdl.handle.net/20.500.11796/2834>
- Nayak, M.N., Byrnce, C.A., Martin, M.K. & Abraham, A.G. (2003). Atitudes violência contra a mulher: um estudo transnacional. *Papéis Sexuais*, 49, 333-342.
- Negreiros, J. (2001). *Delinquências Juvenis*. Lisboa, Editorial Notícias.
- Oliveira, M. (2004). *Comportamentos dos jovens universitários face à violência nas relações amorosas*. Dissertação de mestrado, Faculdade de Ciências Humanas e Sociais. Repositório Institucional da Universidade Fernando Pessoa. <http://hdl.handle.net/10284/7563>
- Oliveira, M. S. & Sani, A. I. (2009). *A intergeracionalidade da violência nas relações de namoro*. Revista da Faculdade de Ciências Humanas e Sociais.
- Oliveira, J. (2011). *Violência no Namoro: Adaptação de um Programa de Prevenção em Jovens Universitárias*. Dissertação de mestrado, Universidade da Beira Interior. Repositório Digital da Universidade da Beira Interior. <http://hdl.handle.net/10400.6/2728>
- Organização Mundial de Saúde. (2002). *Relatório Mundial sobre violência e saúde*. Genebra: Organização Mundial da Saúde. Disponível em https://www.academia.edu/7619294/Relat%C3%B3rio_mundial_sobre_viol%C3%Aancia_e_sa%C3%BAd
- Organização Mundial da Saúde (2010). *Prevenção da violência sexual e do parceiro íntimo contra mulheres*. Genebra. Disponível em <https://www.google.com/search?q=Organiza%C3%A7%C3%A3o+mundial+de+sa%C3%BAd+2010+preven%C3%A7%C3%A3o+sexual+e+do+parceiro+intimo+contra+mulheres&rlz>
- Ribeiro, M. & Sani, A. (2008). As crenças de adolescentes sobre a violência interpessoal. *Revista da Faculdade de Ciências Humanas e Sociais*. Porto. ISSN 1646-0502. 5 (2008) 176-186. <http://hdl.handle.net/10284/909>

- Ribeiro, M. C.O., & Sani, A. I. (2009). Risco, Proteção e Resiliência em situações de violência. *Revista da Faculdade Ciências da Saúde*, 6, 400-4007. Repositório Institucional da Universidade Fernando Pessoa. Disponível em <http://hdl.handle.net/10284/1294>
- Ribeiro, P. (2013). *A dimensão juspsicológica da violência no namoro: um estudo* [Dissertação de mestrado, Escola de Psicologia e Ciências da Vida]. Repositório Científico Lusófono. <https://recil.grupolusofona.pt/handle/10437/6016>
- Roehrs, H., Maftum, M., & Zagonel, I. (2010). Adolescência na percepção de professores do ensino fundamental. *Revista da Escola de Enfermagem da USP*, 44(22), 428.421-428.
- Saavedra, R. (2010). *Prevenir antes de remediar: Prevenção da violência nos relacionamentos íntimos juvenis*. Dissertação de doutoramento, Universidade do Minho. Repositório da Universidade do Minho. Disponível em <http://repositorium.sdum.uminho.pt/handle/1822/14248>
- Saavedra, R., Martins, C., & Machado, C. (2013). Relacionamentos íntimos juvenis: Programa para a prevenção da violência. *Psicologia*, 27, 115-132. Disponível em https://scielo.pt/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S0874-20492013000100007?script=sci_arttext&pid=S0874-20492013000100007
- Santos, K. & Murta, S. (2016). *Influência dos pares e educação por pares na prevenção à violência no namoro*. *Psicologia: Ciências e Profissão*, 36 (4), 787-800. <http://dx.doi.org/10.1590/1982-3703000272014>
- Santos, E. (2015). *Intervenção Social na Violência no Namoro: Estratégias de Prevenção* [Dissertação de mestrado, Faculdade de Ciências Sociais, Educação e Administração da Universidade Lusófona de Humanidades e Tecnologias]. Repositório Científico Lusófono. Disponível em <https://recil.ensinolusofona.pt/handle/10437/6824>
- Schnurr, M. P. & Lohman, B. J. (2008). Quanto a escola importa? Quanto a escola importa? Exame de Perpetração de Vilência bno Namoro. *Jornal da Juventude e Adolescência*, 37: 266-283.
- Sebastião J., Alexandre, A., & Ferreira, J. (2010). *Adolescência, violência e género no concelho de Cascais*. Cascais: Centro de Investigação e Estudos de Sociologia.
- Sidrónio, B. (2014). *A porta giratória dos maus tratos às crianças e jovens numa CPCJ*. Dissertação de Mestrado em Enfermagem de Saúde Mental e Psiquiátrica. Instituto Politécnico de Setúbal. Escola Superior de Saúde.

- Silva, M.; Caetano, A.; Freire, I., Moreira, M.; Freire, T. & Ferreira, A. (2010). Novos actores no trabalho em educação: os mediadores socioeducativos. In *Revista Portuguesa de Educação*, 23 (2), 119-152.
- Silva, M. (2017). *Violência no Namoro: Estudo com Adolescentes de uma Escola Secundária de Bragança*. Dissertação de mestrado, Instituto Politécnico de Bragança. Disponível em <https://bibliotecadigital.ipb.pt/handle/10198/14680>
- Simões, M. (2015). *Namoro e violência no namoro: Conceções e percepções dos jovens em função do género* [Dissertação de mestrado, Escola Superior de Enfermagem de Coimbra]. Repositório Científico da Escola Superior de Enfermagem de Coimbra disponível em <http://repositorio.esenfc.pt/?url=8UooS4lj>
- Tyler, K. A. and Melander, L. (2012). Parentalidade pobre e comportamento anti-social entre jovens adultos sem teto: links para perpetração de violência no namoro e Tyler, K. A., Brownridge, D. A. & Melander, L. A. (2011). O efeito da má parentalidade na perpetração e vitimização da violência no namoro entre homens e mulheres. *Violência e vítimas* 26:2 (2011), pp. 218-230. Vitimação. Departamento de Sociologia, Publicações da Faculdade. Papel 180 Porto: Edições Universidade Fernando Pessoa. 6 :162-170.
- UMAR (2017). *Relatório de Imprensa "Violência no namoro: Resultados Nacionais apontam a gravidade do problema"*. Disponível em http://www.umarfeminismos.org/images/stories/noticias/Relatorio_de_Imprensa_Final.pdf
- Paulino, M. & Alchieri, J. C. (2018). *Desvio, Crime e Vitimologia*. Lisboa: Pactor
- Papalia, D. E., Olds, S. W., & Feldman, R. D. (2006). *Desenvolvimento Humano* (8.ª ed.). Artmed.
- Peralta, C., & Rodrigues, A. (2006). *Juízo moral na adolescência: A Psicologia social na senda da psicologia do desenvolvimento através da análise de poemas de canções rock*. Consultado em <http://www.psicologia.pt/artigos/textos/A0338.pdf>
- Pereira, J. (2014). *Dificuldades de regulação emocional e estratégias de resolução de conflitos com indivíduos num relacionamento íntimo* [Dissertação de mestrado, Faculdade de Psicologia e de Ciências da Educação]. Repositório Aberto da Universidade do Porto. <https://hdl.handle.net/10216/79356>
- Pimentel, I & Tamzali, W. (2014). As mulheres na história e nas histórias. *Faces de Eva*, 32, 125-132. Disponível em https://scielo.pt/scielo.php?script=sci_isoref&pid=S0874-68852014000200010&lng

UNICEF (2011). Adolescência: uma fase de oportunidades. Retirado de https://www.unicef.pt/18/Relatorio_SOWC_2011.pdf

Ventura, M. (2014). *Violência no Namoro: Crenças e Autoconceito nas Relações Sociais de Género. Modelo de Intervenção em Enfermagem*. Tese de Doutoramento. Porto: Instituto de Ciências Biomédicas Abel Salazar. <https://hdl.handle.net/10216/78362>

Decretos de lei

Decreto-Lei n.º 19/2013, de 21 de Fevereiro. *Diário da República*, 1.ª série – N.º 37. Disponível em <https://www.google.com/search?q=%E2%80%A2+Decreto-Lei+n.%C2%BA+19%2F2013%2C+de+21+de+Fevereiro>

Anexos

Anexo I. Pedido de Colaboração às Escolas



PEDIDO DE COLABORAÇÃO

Exmo(a). Sr(a). Diretor(a) da Escola Secundária [REDACTED],

A ADDHG – Associação de Defesa dos Direitos Humanos de Guimarães vem por este meio solicitar à Vossa Excelência, autorização para proceder à implementação de um estudo sobre a Violência no Namoro, na vossa escola.

O presente estudo pretende analisar o fenómeno da violência no seio das relações de intimidade juvenil - comumente designado de **violência no namoro**, e, neste sentido, perceber em que medida se tem tornado um fenómeno real e preocupante na sociedade atual.

Reconhecendo-se a importância da escola na socialização dos jovens e sendo esta, simultaneamente, um contexto privilegiado para o aparecimento e sinalização de comportamentos violentos, parece-nos pertinente problematizar em que medida a escola poderá ser um ator privilegiado na prevenção da violência no namoro e que medidas poderão ser aplicadas em meio escolar.

Para levar a cabo a referida investigação, solicito a V.Ex.ª a autorização para recolha de dados na Escola a que preside através de um inquérito online aos alunos que frequentam os anos de escolaridade entre o 10º e o 12º ano.

Comprometemo-nos a salvaguardar os interesses dos participantes, revelando a nossa total disponibilidade para qualquer informação ou intervenção considerada útil.

Os questionários serão anónimos e confidenciais.

Atenciosamente e grata pela sua atenção,

A Presidente da ADDHG – Associação de Defesa dos Direitos Humanos de Guimarães

O/A Diretor/a da Escola Secundária [REDACTED]

Anexo II. Consentimento Informado



DECLARAÇÃO DE CONSENTIMENTO INFORMADO

Eu _____, na qualidade de
Encarregado de Educação do/a aluno/a

Autorizo a participação no estudo sobre a violência no namoro, realizado pela ADDHG – Associação de Defesa dos Direitos Humanos de Guimarães.

O presente estudo pretende analisar o fenómeno da violência no seio das relações de intimidade juvenil - comumente designado de **violência no namoro**, e, neste sentido, perceber em que medida se tem tornado um fenómeno real e preocupante na sociedade atual.

Reconhecendo-se a importância da escola na socialização dos jovens e sendo esta, simultaneamente, um contexto privilegiado para o aparecimento e sinalização de comportamentos violentos, parece-nos pertinente problematizar em que medida a escola poderá ser um ator privilegiado na prevenção da violência no namoro e que medidas poderão ser aplicadas em meio escolar.

O estudo será realizado através de um inquérito online. Os questionários serão anónimos e confidenciais.

Guimarães, _____ de _____ de _____

Encarregado de Educação

Anexo III. Consentimento Informado maiores de 18 anos



DECLARAÇÃO DE CONSENTIMENTO INFORMADO

Eu _____, aceito participar no estudo sobre a violência no namoro, realizado pela ADDHG – Associação de Defesa dos Direitos Humanos de Guimarães.

O presente estudo pretende analisar o fenómeno da violência no seio das relações de intimidade juvenil - comumente designado de **violência no namoro**, e, neste sentido, perceber em que medida se tem tornado um fenómeno real e preocupante na sociedade atual.

Reconhecendo-se a importância da escola na socialização dos jovens e sendo esta, simultaneamente, um contexto privilegiado para o aparecimento e sinalização de comportamentos violentos, parece-nos pertinente problematizar em que medida a escola poderá ser um ator privilegiado na prevenção da violência no namoro e que medidas poderão ser aplicados em meio escolar.

O estudo será realizado através de um inquérito online. Os questionários serão anónimos e confidenciais.

Guimarães, _____ de _____ de _____

Assinatura

Anexo IV. Questionário

INVENTÁRIO DE CONFLITOS NOS RELACIONAMENTOS DE NAMORO ADOLESCENTES (CADRI)

(Autores: Wolfe, Scott, Straatman, Grasley, & Reitzel-Jaffe, 2001; Adaptação Portuguesa: R. Saavedra, C. Machado, C. Martins, & D. Vieira, 2008)

Versão para Investigação

INSTRUÇÕES

Vais encontrar de seguida um conjunto de afirmações em relação a situações de violência no namoro. Pede-se que leias atentamente essas frases e exprimas a tua opinião em relação a cada uma delas. Não existem respostas certas ou erradas. A tua opinião é o mais importante. Por favor, tenta responder de acordo com a tua forma de pensar e sentir e não como achas que deveria ser.

Avalia cada afirmação, colocando um (X) na opção que melhor traduza o teu modo de pensar. Assegura-te de que respondeste a todas as questões, devendo optar apenas por uma das hipóteses apresentadas.

As respostas a este questionário são absolutamente confidenciais.

Obrigado pela tua colaboração.

PARTE I

A) ASSINALA COM UMA CRUZ (X) A OPÇÃO QUE MELHOR SE APLICA À TUA SITUAÇÃO.

- Namoro ou já namorei
- Nunca namorei (Se escolheste esta opção não precisas responder a este questionário)
- Saio ou saí com alguém apesar de não existir um compromisso de namoro (Se escolheste esta opção, não precisas responder a este questionário)

B) SE JÁ ESTIVESTE ENVOLVIDO NUMA RELAÇÃO DE NAMORO, POR FAVOR, RESPONDE À SEGUINTE QUESTÃO:

Com que idade começaste a namorar? _____

C) NAS PÁGINAS QUE SE SEGUEM SÃO FEITAS ALGUMAS QUESTÕES SOBRE OS TEUS RELACIONAMENTOS ACTUAIS OU SOBRE RELAÇÕES QUE TENHAS TIDO. POR FAVOR, ASSINALA A PESSOA EM QUE ESTÁS A PENSAR QUANDO RESPONDES A ESTAS QUESTÕES:

- Estou a pensar na pessoa que é o meu (minha) namorado(a) atualmente.
- Estou a pensar num(a) ex-namorado(a) do último ano.
- Estou a pensar num(a) ex-namorado(a) há mais de um ano.

PARTE II

As perguntas que se seguem questionam-te acerca de coisas que poderão ter acontecido contigo e com o teu namorado ou namorada durante uma discussão. Assinala o quadrado que melhor identifica o número de vezes que essas coisas aconteceram com o teu /tua atual ou ex-namorado(a), no último ano. Por favor, lembra-te que todas as respostas são confidenciais. Como guia de resposta, utiliza a seguinte escala:

Nunca: isto nunca aconteceu no teu relacionamento

Raramente: isto aconteceu apenas 1-2 vezes no teu relacionamento

Às vezes: isto aconteceu cerca de 3-5 vezes no teu relacionamento

Frequentemente: isto aconteceu mais do que 6 vezes no teu relacionamento

DURANTE UMA DISCUSSÃO OU UM CONFLITO COM O MEU (MINHA) NAMORADO(A):	NUNCA	RARAM ENTE	ÀS VEZES	FREQUENTEMENTE
1. Eu apresentei os meus motivos.				
1.1 Ele(a) apresentou os motivos dele(a).				
2. Eu toquei-o(a), sexualmente, contra a vontade dele(a).				
2.1 Ele(a) tocou-me, sexualmente, contra a minha vontade.				
3. Eu tentei pôr os amigos dele(a) contra ele(a).				
3.1. Ele(a) tentou pôr os meus amigos contra mim.				
4. Eu fiz alguma coisa para lhe provocar ciúmes.				
4.1. Ele(a) fez alguma coisa para me provocar ciúmes.				

5. Eu destruí ou ameacei destruir alguma coisa de que ele(a) gostava.				
5.1. Ele(a) destruiu ou ameaçou destruir alguma coisa de que eu gostava.				
6. Eu admiti que tinha alguma culpa.				
6.1. Ele(a) admitiu que tinha alguma culpa.				
7. Eu relembrei uma coisa má que ele(a) tinha feito no passado.				
7.1. Ele(a) relembrou uma coisa má que eu tinha feito no passado.				
8. Eu atirei-lhe alguma coisa.				
8.1. Ele(a) atirou-me alguma coisa.				
9. Eu disse coisas só para o(a) deixar furioso(a).				
9.1. Ele(a) disse coisas só para me deixar furiosa(o).				
10. Eu dei razões para achar que ele(a) estava errado(a).				
10.1. Ele(a) deu razões para achar que eu estava errada(o).				
11. Eu concordei que ele(a) estava, em parte, certo(a).				
11.1 Ele(a) concordou que eu estava, em parte, certa(o).				
12. Eu falei com ele(a) num tom de voz agressivo e mau.				
12.1. Ele(a) falou comigo num tom de voz agressivo e mau.				
13. Eu forcei-o(a) a ter relações sexuais comigo quando ele(a) não queria.				
13.1 Ele(a) forçou-me a ter relações sexuais com ele(a) quando eu não queria.				
14. Eu apresentei uma solução que achei boa para os dois.				
14.1 Ele(a) apresentou uma solução que achou boa para os dois.				
15. Eu ameacei-o(a), para tentar ter relações sexuais com ele(a).				
15.1 Ele(a) ameaçou-me, para tentar ter relações sexuais comigo.				
16. Eu deixei de falar até ele(a) se acalmar.				
16.1 Ele(a) deixou de falar até eu me acalmar.				

17. Eu insultei-o(a) com coisas humilhantes.				
17.1 Ele(a) insultou-me com coisas humilhantes.				
18. Eu discuti o assunto calmamente.				
18.1 Ele(a) discutiu o assunto calmamente.				
19. Eu beijei-o(a) quando ele(a) não queria.				
19.1 Ele(a) beijou-me quando eu não queria.				
20. Eu contei coisas aos amigos dele(a) para os pôr contra ele(a).				
20.1 Ele(a) contou coisas aos meus amigos para os pôr contra mim.				
21. Eu gozei-o(a) ou fiz pouco dele(a) em frente de outros.				
21.1 Ele(a) gozou-me ou fez pouco de mim em frente de outros.				
22. Eu disse-lhe o quanto aborrecida(o) estava.				
22.1 Ele(a) disse-me o quanto aborrecido(a) estava.				
23. Eu controlo com quem ele(a) está e onde está.				
23.1 Ele(a) controla com quem eu estou e onde estou.				
24. Eu culpei-o(a) pelo problema.				
24.1 Ele(a) culpou-me pelo problema.				
25. Eu dei-lhe pontapés, bati-lhe ou dei-lhe murros.				
25.1 Ele(a) deu-me pontapés, bateu-me ou deu-me murros.				
26. Eu abandonei a sala para me acalmar.				
26.1 Ele(a) abandonou a sala para se acalmar.				
27. Eu desisti só para evitar um conflito.				
27.1 Ele(a) desistiu só para evitar um conflito.				
28. Eu acusei-o(a) de se meter com outras(os) raparigas/rapazes.				
28.1 Ele(a) acusou-me de me meter com outros(as) rapazes/raparigas.				
29. Eu tentei assustá-lo(a) de propósito.				
29.1 Ele(a) tentou assustar-me de propósito.				
30. Eu dei-lhe uma bofetada ou puxei-lhe o cabelo.				

30.1 Ele(a) deu-me uma bofetada ou puxou-me o cabelo.				
31. Eu ameacei magoá-lo(a).				
31.1 Ele(a) ameaçou magoar-me.				
32. Eu ameacei terminar o namoro.				
32.1 Ele(a) ameaçou terminar o namoro.				
33. Eu ameacei bater-lhe ou atirar-lhe com qualquer coisa.				
33.1 Ele(a) ameaçou bater-me ou atirar-me com qualquer coisa.				
34. Eu empurrei-o(a), dei-lhe encontrões ou abanei-o(a).				
34.1 Ele(a) empurrou-me, deu-me encontrões ou abanou-me.				
35. Eu espalhei boatos contra ele(a).				
35.1 Ele(a) espalhou boatos contra mim.				